

Universidade Federal de Santa Catarina
Curso de Licenciatura em Letras-Libras

Introdução aos Estudos Lingüísticos

Evani de Carvalho Viotti (USP)

Florianópolis, 2008

Sumário

Introdução	3
Unidade 1: O que é lingüística. Os conceitos de língua e linguagem.....	8
Unidade 2: A língua para Ferdinand de Saussure.....	14
2.1 Língua e Linguagem	15
2.2 Língua e Fala.....	17
2.3 Sintagma e Paradigma	24
2.4 Sincronia e Diacronia.....	29
Unidade 3: A língua para Noam Chomsky	32
3.1 Exemplos concretos para esclarecer o que é a Gramática Gerativa	36
3.2 O modelo de princípios e parâmetros.....	41
Unidade 4: Lingüística geral: Fonética, fonologia e morfologia	45
4.1 Fonética e Fonologia	45
4.2 Morfologia	52
Unidade 5: Lingüística geral: Sintaxe, semântica e pragmática	57
5.1 Sintaxe.....	57
5.2 Semântica e Pragmática.....	62

Introdução

Este curso tem o objetivo de apresentar brevemente algumas idéias e noções que constituem o fundamento da lingüística contemporânea. Como todos sabem, a lingüística é uma ciência cujas bases foram inteiramente construídas a partir da observação e análise das línguas orais. Só depois da segunda metade do século XX, com o trabalho pioneiro de William Stokoe sobre a gramática da língua de sinais americana (ASL), é que as línguas de sinais passaram a interessar os lingüistas. Vejam então a grande diferença: enquanto as línguas orais estão sendo estudadas há 5000 anos, as línguas de sinais estão sendo analisadas cientificamente há pouco mais de 40 anos! Nesse curto período de tempo, a pesquisa sobre as línguas de sinais já alcançou grandes avanços. Mesmo assim, o entendimento que os lingüistas têm a respeito das propriedades e do funcionamento das línguas de sinais é ainda muito pequeno, quando comparado ao que já se sabe sobre as línguas orais.

Por isso, um curso como este, que apresenta os fundamentos da lingüística geral, trata basicamente de teorias e propostas inicialmente concebidas para analisar e entender as línguas orais. Os exemplos ilustrativos dessas idéias e propostas são exemplos clássicos, que aparecem com uma ou outra modificação, em todos os livros introdutórios de lingüística. Esses exemplos, também, são retirados de várias línguas orais, em particular do português brasileiro. Na medida do possível, procurei mostrar como as questões relevantes para o estudo das línguas orais também são relevantes para as línguas de sinais, ilustrando-as com alguns exemplos da língua de sinais brasileira.

O curso de Introdução aos Estudos Lingüísticos se divide em cinco unidades além desta Introdução. A primeira unidade é chamada “O que é lingüística. Os conceitos de língua e linguagem”. Nessa unidade, vamos definir a lingüística e ver que ela é uma ciência que faz interface com várias outras ciências, como a psicologia, a biologia, a sociologia, etc.. Vamos ver ainda como é difícil definir língua e linguagem de uma maneira única. Primeiro, porque cada área de interface da lingüística vai ressaltar um aspecto da língua em detrimento de outro. Assim, por exemplo, os lingüistas que trabalham na área de interface entre a lingüística e a sociologia, de maneira geral, propõem uma definição de língua bastante calcada em seus aspectos sociais. Os que trabalham na interface entre a lingüística e a biologia preferem uma definição de língua que destaque seus aspectos biológicos.

Além disso, a definição de língua e linguagem vai depender de cada uma das mais variadas teorias lingüísticas. Cada uma delas se constrói a partir de um entendimento particular do que é língua e do que é linguagem. É isso o que vamos ver nas unidades 2 e 3. A unidade 2 se chama “A língua para Ferdinand de Saussure”. Saussure foi um suíço que viveu até 1913, e é hoje considerado o pai da lingüística moderna. Sua teoria sobre a língua, proposta

durante suas aulas na Universidade de Genebra, continua a ser estudada até hoje, e está na base de muitas teorias mais recentes. Algumas das propostas de Saussure continuam a ser aceitas por várias correntes de pensamento lingüístico contemporâneo. Na unidade 2, nós vamos ver que Saussure tinha uma visão eminentemente social de língua. Para ele, linguagem é uma capacidade que os homens têm para criar e usar sistemas simbólicos, como a língua, a dança, a mímica, a pintura, a escultura, o teatro, etc.. Entre esses sistemas simbólicos, a língua se destaca como sendo a norma para todos os demais sistemas.

Para Saussure, a língua é um sistema abstrato, que se opõe à fala. A fala é a concretização da língua por um indivíduo. A fala é a língua posta em uso. Para Saussure (e muitos outros lingüistas até hoje), a lingüística deve se ocupar da língua, e não da fala. Ou seja, a lingüística tem por objetivo descrever e explicar a língua, enquanto um sistema de valores. Cada elemento da língua se define por um valor que o opõe a outro elemento. Os elementos do sistema lingüístico são os signos. Os signos se constituem de um significante e de um significado. O significado é um conceito, e o significante é a representação mental que fazemos de um som (no caso das línguas orais), ou um conjunto de gestos (no caso das línguas de sinais).

Os valores de cada elemento do sistema lingüístico, ao ver de Saussure, podem ser computados em dois eixos: o sintagmático e o paradigmático. No eixo sintagmático, calcula-se o valor de um elemento lingüístico pelo contraste que ele estabelece com outro elemento que o preceda ou o suceda, em uma cadeia linear. No eixo paradigmático, o valor de um elemento lingüístico é computado pelo contraste que ele apresenta com outros elementos que poderiam substituí-lo em uma determinada cadeia linear. Por exemplo, em uma sentença como *O João comprou batatas*, no eixo sintagmático, o valor do artigo definido *o* é calculado pela diferença que existe entre ele e o substantivo *João*. Do mesmo modo, o valor de *João* é estabelecido pelo contraste que ele estabelece tanto com o artigo *o*, quanto com o verbo *comprou*. No eixo paradigmático, o valor do signo *comprou* é estabelecido pelo contraste que existe entre ele e outros signos que poderiam ocupar seu lugar: *vendeu*, *comeu*, *amassou*, *escolheu*, etc..

Uma outra contribuição importante feita por Saussure diz respeito à distinção entre sincronia e diacronia. Estudos lingüísticos sincrônicos são aqueles que observam a língua em um determinado estado, em um determinado momento, sem se preocupar em entender como a língua chegou àquele estado. Diferentemente, estudos lingüísticos diacrônicos são aqueles que se preocupam em entender a trajetória histórica das línguas, a partir de um determinado momento no tempo.

Apesar de a teoria saussuriana ter surgido no início do século passado, grande parte de seus ensinamentos continua válida até hoje. Ela teve grande repercussão na Europa, não só no desenvolvimento dos estudos sobre a língua, mas também teve enorme importância na área da antropologia. Hoje em dia, a teoria saussuriana continua a despertar grande interesse por parte de muitos lingüistas.

Na unidade 3, intitulada “A língua para Noam Chomsky”, vamos estudar uma outra teoria lingüística, que é conhecida, atualmente, pelo nome de Gramática Gerativa. Essa teoria foi proposta por um lingüista americano chamado Noam Chomsky, no final dos anos 50. Depois de Saussure, os estudiosos da língua começaram a estudar o signo lingüístico, especialmente no nível da palavra. Na Europa, houve um grande desenvolvimento dos estudos da fonologia e da morfologia das línguas eslavas, como o russo, o polonês, o georgiano, etc. Enquanto isso, nos Estados Unidos, lingüistas e antropólogos se dedicavam ao estudo das línguas nativas daquele país. Ou seja, havia um grande interesse pelo estudo das línguas dos índios americanos. Foram feitas descrições bastante completas da fonologia e morfologia dessas línguas. Mas tanto na Europa, quanto nos Estados Unidos, até o final da 1ª metade do século XX, as pesquisas lingüísticas, de maneira geral, não iam muito além do nível da palavra. Com raras exceções, os lingüistas da época não tinham muito interesse pela sintaxe, ou seja, pela estrutura da sentença.

Em 1957, Noam Chomsky dá início a uma mudança no panorama lingüístico da época: primeiro, ele propõe um estudo sistemático da sintaxe das línguas naturais; segundo, ele propõe que a língua seja entendida como um objeto mental. Diferentemente de Saussure, que entendia a língua como um objeto fundamentalmente social, Chomsky lança a hipótese de que a língua humana é um sistema de princípios radicados na mente humana. Para ele, nossa mente tem um módulo lingüístico responsável pela formação e interpretação das expressões lingüísticas. A hipótese é a de que esse módulo lingüístico e os princípios lingüísticos que o formam são inatos. Esses princípios são parte da dotação genética de espécie humana, e são, portanto, universais. Uma criança que nasce no Brasil, na Alemanha, no Japão, quer ela seja ouvinte ou surda, nasce dotada dos mesmos princípios lingüísticos. Esses princípios são o estágio inicial da aquisição de língua. Para Chomsky, língua é esse conjunto de princípios universais em seu estado inicial, e seus desdobramentos ao longo do processo de aquisição de língua, até atingir o que se chama “estado estável”. Esse estado estável é o conhecimento que um falante tem de sua língua materna.

Como já dito, Chomsky e seus seguidores não têm nenhum interesse pelos aspectos sociais da língua, e nesse sentido, eles se afastam de Saussure. Mas eles também não têm nenhum interesse pela língua em uso. Nesse sentido, eles se aproximam de Saussure, que dizia que o interesse da lingüística deveria ser a língua e não a fala. Para Chomsky, o interesse da lingüística é o conhecimento lingüístico que o ser humano tem de sua língua materna. Como esse conhecimento é posto em uso não é parte do programa de pesquisa da teoria chomskyana.

Na unidade 3, nós vamos ver uma série de exemplos desse conhecimento lingüístico, que é o objeto de estudo da Gramática Gerativa. Mas, para vocês já irem tendo uma idéia, aqui vai um exemplo do português brasileiro. Todos nós sabemos que o pronome *você*, normalmente é pronunciado *cê*, em língua corrente falada. Assim, um falante do português, em geral, pronuncia a sentença *Você foi ao cinema com o Pedro e o Rui*, como em (1):

(1) Cê foi ao cinema com o Pedro e o Rui.

Mas, vejam o que acontece na sentença *O Pedro foi ao cinema com você e o Rui*. Não é possível pronunciar *cê*, em vez de *você*. O asterisco mostra que a sentença (2) não é possível em português:

(2) *O Pedro foi ao cinema com *cê* e o Rui.

Vejam, também, que nós podemos dizer:

(3) Cê e eu gostamos de goiabada.

Mas não podemos dizer:

(4) *Eu e *cê* gostamos de goiabada.

Todo falante de português sabe quando é possível usar a forma reduzida *cê*, e quando é preciso usar a forma *você*. É esse tipo de conhecimento lingüístico que é o objeto de estudo da teoria chomskyana. Os seguidores de Chomsky usam, então, essa noção de língua, bastante restrita, para o desenvolvimento de sua pesquisa. Nada além do conhecimento lingüístico de sua língua materna, que está na mente de cada falante nativo, é parte do programa de pesquisa da Gramática Gerativa.

Nas unidades 4 e 5, fazemos um panorama dos vários níveis de análise lingüística: desde as menores unidades lingüísticas, que são os fonemas, até os discursos, textos ou conversações.

A unidade 4 é intitulada “Lingüística Geral: Fonética, Fonologia e Morfologia”. Inicialmente, distinguimos fonética de fonologia. Apresentamos o conceito de fonema como uma unidade lingüística que não tem significado, mas que distingue significados. Para ilustrar esse conceito, damos exemplos de fonemas (e de seus traços) em línguas orais e na língua de sinais brasileira. A seguir, passamos à morfologia. Discutimos o conceito de palavra, e apresentamos o conceito de morfema: a menor unidade lingüística que tem significado. Morfemas são signos: têm significante e significado. Distinguimos morfologia derivacional e flexional, e mencionamos a composição. Mostramos como as línguas de sinais parecem ser diferentes das línguas orais no que diz respeito à morfologia: elas têm poucos processos derivacionais e flexionais, embora pareçam ter bastante composição.

A unidade 5 é intitulada “Lingüística Geral: Sintaxe, Semântica e Pragmática”. Na parte relacionada à sintaxe, vamos ver que todas as línguas têm um tipo de item lexical que é relacional. Itens lexicais desse tipo são dependentes, ou seja, para que possamos fazer uma conceitualização da relação a que eles se referem, outros itens lexicais precisam acompanhá-los. Verbos, por exemplo, são itens relacionais: eles dependem da presença de outros constituintes para ter seu sentido completo. Alguns deles precisam de apenas um outro constituinte para que possamos conceitualizar a eventualidade que eles designam. Esses são os verbos tipicamente chamados de intransitivos. Outros precisam de dois ou mais constituintes. Esses são os verbos chamados de transitivos. É a partir dessas exigências feitas por certos itens lexicais dependentes que os sintagmas e as sentenças vão se construir.

Além disso, vamos ver que a sintaxe procura dar conta das diversas possibilidades de ordem dos constituintes na sentença. Cada ordem possível em uma determinada língua tem uma determinada função: a de privilegiar certos participantes do evento em detrimento de outros, a de focalizar certos participantes, contrastando-os com outros, etc.. Tanto o português quanto a língua de sinais brasileira parecem ser línguas cujas sentenças básicas são do tipo SVO: sujeito-verbo-objeto. Mas, tanto em uma, quanto em outra, diferentes ordens de constituintes são atestadas.

Passando para a semântica, falamos de categorização de entidades, de como umas são mais abstratas que outras, e tratamos das relações de hiperonímia e hiponímia, como nos pares [ANIMAL]/[CAVALO], [FERRAMENTA]/[MARTELO], [TALHER]/[GARFO]. Falamos, ainda, que as categorias têm membros prototípicos, mas também abrangem membros que se afastam do protótipo, em maior ou menor grau. Assim, por exemplo, pensando na categoria [fruta], a maçã, a laranja, o abacaxi, entre outros, são membros prototípicos. E o tomate? Ele é um membro da categoria [FRUTA], mas não é um membro prototípico. A seguir, tratamos de ambigüidades, apresentando as noções de homofonia e polissemia. Apesar de distinção entre esses dois conceitos ser bastante controversa, geralmente os dicionários dão, aos termos homófonos, entradas lexicais diferentes. Diferentemente, os termos polissêmicos têm seus vários sentidos listados sob uma única entrada lexical.

No que diz respeito à área da pragmática, apresentamos três temas de estudo: a dêixis, as implicaturas conversacionais, e os atos de fala. Ao entrar nessa área, já estamos no nível de estudo da língua em uso. Esses três temas só podem ser estudados a partir daquilo que Saussure chamou de *fala*, ou seja, a língua como ela é usada pelos indivíduos. Sobre dêixis, vamos falar dos pronomes pessoais, e de como sua referência só pode ser estabelecida a partir de uma situação de fala. Para ilustrar implicaturas, vamos ver que, algumas vezes, usamos as expressões lingüísticas para significar algo totalmente diferente de seu significado literal. Por fim, damos alguns exemplos de atos de fala explícitos, e mostramos que é possível entender várias expressões lingüísticas como atos de fala implícitos.

Lembro a todos mais uma vez que este curso é um curso introdutório. Vocês não devem ter a expectativa de saber lingüística apenas com o que vamos estudar neste módulo. Os conceitos a que vocês vão ser apresentados são muito abstratos, e não são fáceis de ser compreendidos. O objetivo aqui é fazer um grande panorama da área, para que vocês comecem a lidar com esses conceitos. Ao longo do curso de licenciatura em Letras/Libras, vocês vão ter módulos específicos que vão tratar de cada uma das áreas da lingüística, e de algumas áreas de interface, em mais detalhes. Aí vocês vão aprofundar o conhecimento que se inicia com este curso. Da mesma forma, nos diversos cursos de Libras 1, 2, 3, etc., vocês vão ver muitos dos conceitos que vocês vão estudar nas disciplinas de lingüística aplicados à descrição e análise da língua de sinais brasileira.

Espero que vocês se divirtam e aprendam bastante!

Unidade 1: O que é lingüística. Os conceitos de língua e linguagem

Toda vez que uma pessoa me pergunta o que eu faço, eu respondo que sou professora de lingüística. A pergunta seguinte sempre é:

--“Mas o que é lingüística?”

Não é fácil definir lingüística em uma conversa informal. Às vezes, para tentar resolver a questão rapidamente, eu simplesmente respondo:

--“Lingüística é a ciência da língua humana”.

Imediatamente, a pergunta seguinte é:

--“Mas, qual língua? Português, inglês, língua de sinais brasileira (libras), qual?”

A lingüística não se limita ao estudo de uma língua específica, nem ao estudo de uma família de línguas. Ela não é nem o estudo isolado do português, do japonês, do árabe, da língua de sinais americana (ASL), da libras, nem é o estudo de um conjunto de línguas aparentadas, como as línguas indo-européias, as línguas orientais, as línguas semíticas, as línguas bantas, as línguas de sinais descendentes da língua de sinais francesa (LSF), etc. A lingüística é o estudo científico da língua como um fenômeno natural. É claro que quanto mais avançamos nossos conhecimentos sobre as características das mais variadas línguas naturais, mais bem formamos um entendimento do que é a língua como um todo.

Como tudo o que se refere ao homem, a língua envolve vários aspectos. Por isso, a lingüística faz interface com várias outras ciências, como a biologia, a neuro-fisiologia, a psicologia, a sociologia. Por exemplo, a língua é parte da biologia humana. Cada vez mais, os estudos lingüísticos têm se interessado pela parte biológica da língua. Alguns desses estudos investigam, por exemplo, como a língua surgiu há milhões e milhões de anos atrás. Eles fazem hipóteses sobre as mudanças que teriam ocorrido na genética dos hominídeos de modo a fazer surgir a língua. Ainda próximas à biologia, existem teorias que acreditam que algumas características do conhecimento lingüístico que os homens têm são parte da dotação genética de espécie humana. Para essas teorias, essa parte do conhecimento lingüístico que nós temos deve ser universal. Ela não é uma peculiaridade de uma ou outra língua. Deve ser encontrada em todas as línguas, sejam elas línguas orais ou línguas de sinais, sejam elas línguas indo-européias, línguas indígenas, línguas africanas, ou qualquer outra língua. Nós vamos falar um pouco de uma dessas teorias mais adiante em nosso curso.

A língua também está associada à nossa neuro-fisiologia. Por isso, a lingüística estuda quais partes do cérebro estão envolvidas na produção e na compreensão da fala, e como ocorrem as afasias, que são as perdas lingüísticas, em geral causadas por acidentes vasculares cerebrais ou por traumatismos cranianos. Ela estuda ainda as características físicas e motoras do aparelho fonador, que é a parte do corpo responsável pela produção dos sons das línguas orais, e as características físicas e funcionais de nossos ouvidos, responsáveis pela recepção dos sons das línguas orais. No que diz respeito às línguas de sinais, já existem alguns estudos lingüísticos que investigam as possibilidades de articulação das mãos para a produção dos sinais. Recentemente, também tiveram início alguns estudos que investigam a percepção de movimentos por surdos sinalizadores.

A língua é sem dúvida parte da cognição humana. Por isso, a lingüística investiga a relação entre língua e pensamento, e suas conexões com nossa capacidade motora, com nossa percepção visual e auditiva, e como essas conexões operam na construção da significação. A disciplina intitulada Semântica e Pragmática vai tratar de alguns pontos que são relacionados a essa área da lingüística.

Um outro tipo de estudo que diz respeito às relações entre língua e cognição é aquele que procura entender a aquisição e o aprendizado de línguas. As análises feitas nessa área da lingüística têm sido muito debatidas na área de estudos surdos, porque elas têm mostrado a importância de crianças surdas terem contacto com as línguas de sinais desde recém-nascidas. Além disso, elas têm mostrado a importância que a fluência em língua de sinais tem para o aprendizado do português escrito, por surdos. Vocês vão estudar esses assuntos em mais profundidade nas disciplinas de Aquisição de Linguagem e Psicolingüística.

A língua é também um fenômeno eminentemente social. As línguas emergem sempre que dois seres humanos entram em contacto. Um exemplo recente de nascimento de uma língua ocorreu na Nicarágua, na América Central. Antes de 1970, não havia comunidade surda na Nicarágua. Os surdos viviam isolados uns dos outros, e se comunicavam com ouvintes por meio de sinais caseiros e gestos. Não havia uma língua de sinais nicaragüense. No final dos anos 70, começaram a surgir as primeiras escolas de surdos do país. Como em vários países do mundo, naquela época, o ensino nessas escolas enfatizava o aprendizado da língua oral falada no país (no caso, o espanhol) e a leitura labial. O máximo que os professores usavam de sinais era a digitalização. A comunicação entre as crianças e os professores era precária. Entretanto, no recreio, nos corredores, e nos transportes escolares, aquelas crianças surdas se comunicavam bastante bem. Inicialmente, elas usavam uma forma rudimentar de comunicação, que envolvia alguns sinais caseiros e gestos. Mas, aos poucos, essa forma rudimentar foi se desenvolvendo, construindo uma gramática, até virar uma língua tão complexa e rica quanto qualquer outra língua. Quando vocês cursarem a disciplina intitulada Sociolingüística, vocês vão saber mais a respeito dessa história.

Pelo fato de a língua ser social, a lingüística precisa entender as relações entre língua e cultura, entre língua e classes sociais, e entre uma língua e outras línguas que estão em contacto com ela. Essas relações são importantes porque elas estão associadas a alguns fenômenos de grande interesse, como a variação e a mudança lingüísticas. Esses fenômenos também vão ser estudados na disciplina chamada Sociolingüística.

Nesse momento, vocês podem me perguntar:

--“Mas, afinal, o que é língua? Você ainda não respondeu!”

Sim, é verdade, eu ainda não respondi, por dois motivos. Primeiro, porque cada uma das interfaces da lingüística com outras ciências vai dar uma definição de língua que privilegia um de seus múltiplos aspectos. Por exemplo, a interface entre a lingüística e a biologia vai preferir definir a língua como parte da dotação genética da espécie humana; a interface da lingüística com a sociologia, vai dar mais ênfase aos aspectos sócio-culturais da língua; a interface da lingüística com a psicologia vai definir a língua como parte da cognição humana. O segundo motivo é que, dentro de cada uma dessas interfaces, desenvolvem-se várias teorias diferentes. E, cada teoria, vai preferir definir língua de uma maneira especial, que esteja mais de acordo com suas hipóteses. Portanto, cada definição de língua precisa ser entendida no âmbito de uma teoria particular. As teorias são como as lentes de um telescópio. As lentes de um telescópio nos ajudam a ver estrelas e planetas que não conseguimos ver a olho nu. Da mesma maneira, as teorias são lentes que nos ajudam a perceber peculiaridades da língua, que passam despercebidas quando estamos fazendo uso dela em nosso dia-a-dia.

Uma pergunta que talvez vocês estejam querendo fazer é a seguinte:

--“Se a língua é algo que nós percebemos, por meio de nossos ouvidos ou nossos olhos, por que é que precisamos de teorias para definir o que é língua?”

Pois é, não é correto pensarmos que a língua é algo que podemos observar. Aquilo que nós observamos são produções lingüísticas, manifestações externas da língua, mas não a língua ela mesma. Nós percebemos sentenças ou discursos em português ou em libras, mas não o português ou a língua de sinais brasileira em si, não o sistema de princípios, regras e valores que torna a produção lingüística possível. É por isso que precisamos das teorias. São elas que nos ajudam a chegar à língua, a partir das produções lingüísticas que podemos perceber e observar. Pensem, por exemplo, na seguinte sentença do português:

(5) O pastor alemão é um cão de guarda excelente.

Quantas palavras do português entram na formação dessa sentença? Inicialmente, poderíamos pensar que há oito palavras nessa sentença. Mas já, de saída, precisamos resolver uma questão importante, relacionada às expressões “pastor alemão” e “cão de guarda”. Será que a expressão “pastor alemão” abrange duas palavras? E será que a expressão “cão de guarda”

abrange três palavras? Ou será que cada expressão dessas deve ser considerada como uma só palavra do português? Como é que nós podemos decidir por uma ou outra opção?

Vamos imaginar que o cachorro de que estamos tratando seja da minha vizinha. Qual das duas expressões a seguir é adequada para fazer referência a esse cachorro, a de número (6) ou a de número (7)?

- (6) o pastor alemão da minha vizinha
- (7) o pastor da minha vizinha alemão

Vocês devem ter preferido a expressão de número (6), não é? De fato, do ponto de vista estrutural, a expressão de número (6) é a única expressão possível, em português, para eu falar do cachorro da minha vizinha. A expressão “da minha vizinha” não pode aparecer no meio da expressão “pastor alemão”.

Do mesmo modo, vamos imaginar que estejamos diante de um cão de guarda que esteja machucado. Qual das duas expressões vamos preferir para falar dele, a de número (8) ou a de número (9)?

- (8) o cão de guarda machucado
- (9) o cão machucado de guarda

Novamente, vocês devem ter preferido o número (8), em que o adjetivo aparece depois da expressão “cão de guarda”, e não no meio dela. Por que é que todos os que conhecem português preferem a expressão (6) à (7), e a expressão (8) à (9)? A resposta não é difícil, mas depende de alguns conceitos que são construídos dentro de uma teoria semântica e morfossintática. A teoria morfossintática estabelece que as palavras são divididas em classes: substantivos (ou nomes), adjetivos, verbos, advérbios, preposições. Para decidir se uma determinada palavra pertence a uma classe, nós aplicamos vários critérios. Quando vocês cursarem a disciplina de Semântica, vocês vão aprender que substantivos são expressões lingüísticas que fazem referência a objetos, indivíduos, entidades. Quando dizemos a expressão *pastor alemão*, pensamos em uma raça de cachorro, que é um tipo de entidade. Não pensamos em um homem nascido na Alemanha, que seja ou pastor de ovelhas, ou pastor de alguma igreja. Por isso, sabemos que *pastor alemão* constitui um único substantivo: ele se refere a uma entidade específica, que é uma raça de cachorro. O mesmo acontece com a expressão *cão de guarda*. Essa expressão faz referência a um tipo de cachorro, que tem a função de proteger fazendas, casas, fábricas, e que difere de cães de caça, cães de companhia, cães de trabalho.

Esse critério semântico estabelecido pela teoria não é o único. A teoria tem também um critério morfossintático para confirmar se as expressões *pastor alemão* ou *cão de guarda* constituem um único substantivo cada um. Esse critério morfossintático é também conhecido como critério distribucional. Segundo esse critério, para uma palavra do português ser considerada um substantivo, ela vem, em geral, precedida de um artigo (como *o, a, os, as, um, uma*), de um pronome demonstrativo (como *este, esta, esse, essa, aquele,*

aquela), ou de um pronome indefinido (como *algum, alguma, alguns*). Ainda, se a palavra for um substantivo, ela pode vir seguida de um adjetivo, ou de uma locução adjetiva (como *da minha vizinha, machucado*). Vejam agora o que acontece nas expressões (7) e (9). Elas começam com o artigo definido *o*; isso sugere que a palavra que vem depois delas é um substantivo (ou nome). De fato, *pastor* e *cão* são substantivos. Até aí, tudo bem. A seguir, aparece a locução adjetiva *da minha vizinha*, no caso de (7), e o adjetivo *machucado*, no caso de (9). Isso também está de acordo com a teoria da distribuição sintática das classes de palavras do português. Mas, o problema está no que vem depois dos adjetivos: *alemão* e *de guarda*. Será que esses são adjetivos que qualificam uma expressão como *pastor da minha vizinha*, ou como *cão machucado*? Certamente que não. *Alemão* é um adjetivo que se compõe com *pastor*, para formar a expressão *pastor alemão*; e *de guarda* é uma expressão que se compõe com *cão* para formar uma expressão maior, que é *cão de guarda*. Nesse sentido, *pastor alemão* é um único substantivo, e *cão de guarda*, também, é um único substantivo.

Vejam, então, que a teoria esclarece as razões pelas quais aqueles que conhecem português preferem as expressões (6) e (8) às expressões (7) e (9). Vocês vão estudar esse assunto mais profundamente quando fizerem as disciplinas de Morfologia, de Sintaxe e de Semântica. Por enquanto, pensem, seguindo esses critérios propostos pela teoria lingüística, se a língua falada pelos surdos no Brasil é uma *língua de sinais* que é brasileira, ou se ela é uma *língua brasileira* que é de sinais.

Neste curso de Introdução aos Estudos Lingüísticos, nós vamos estudar duas grandes linhas teóricas diferentes, muito famosas e produtivas, e vamos ver como cada uma delas define o que é a língua humana: a primeira delas é a teoria saussuriana, que nasceu a partir do pensamento de um suíço, chamado Ferdinand de Saussure, e que teve inúmeros desdobramentos, em especial no que diz respeito aos estudos do discurso e do texto; e a segunda é a teoria chomskyana, que surgiu com os primeiros trabalhos de um americano chamado Noam Chomsky, e que, até hoje, é liderada por ele. Essa segunda teoria focaliza mais os estudos da gramática. A Sintaxe tem um papel central dentro dessa teoria, mas ela também abrange a Fonologia, a Morfologia e uma parte da Semântica.

Vocês poderiam, agora, me fazer a seguinte pergunta:

--“Mas e linguagem? Será que não é mais fácil definir linguagem?”

Não, a definição de linguagem também é complexa. Da mesma maneira que a língua, a noção de linguagem só pode ser entendida dentro de uma teoria. Vocês vão ver que, tanto a teoria saussuriana, quanto a teoria chomskyana, não só definem língua de uma maneira particular, mas também têm visões completamente diferentes sobre o que é a linguagem.

Mas antes de começarmos a tratar dessas teorias, eu gostaria de salientar um aspecto da ciência lingüística que é bastante importante. Como qualquer outra ciência, a lingüística não tem um caráter prescritivo ou normativo. Ela não impõe as regras de uma língua, nem determina qual deve

ser a forma “correta” de se dizer uma coisa. Seu objetivo não é proteger a língua de mudanças, de influências de outras línguas, nem privilegiar as formas mais “cultas” de uma língua, em detrimento de formas mais “populares”. A lingüística é uma ciência empírica. O lingüista observa e descreve as línguas exatamente como elas se apresentam para ele, sem qualquer juízo de valor. O lingüista também busca explicações para a capacidade que as pessoas têm de falar ou sinalizar e para a capacidade que elas têm de compreender uma língua, e para o conhecimento que qualquer falante tem a respeito dos sons ou gestos, das palavras, das sentenças, dos discursos e dos textos de sua língua. A lingüística é, então, uma ciência descritivo-explicativa.

As perguntas que talvez vocês estejam querendo fazer neste momento são as seguintes:

--“Então, todas as pessoas que conhecem uma língua, seja ela português, inglês, libras, ASL, podem ser consideradas lingüistas? E, quanto mais línguas uma pessoa souber, melhor lingüista ela será?”

Não. Um lingüista é uma pessoa que estuda métodos de descrição de línguas e teorias que buscam entender e explicar os fenômenos lingüísticos. Ele não precisa ser falante da língua que estuda. Ele é preparado para descrever e analisar qualquer língua, não necessariamente a sua. Por mais fluente que alguém seja em sua língua materna, por mais domínio que uma pessoa tenha da gramática de sua língua, isso não faz dela um lingüista. Vocês já devem ter ouvido falar de William Stokoe, não é? Pois então, Stokoe era um lingüista escocês que vivia e trabalhava nos Estados Unidos. Em 1955, ele se tornou professor do Departamento de Inglês do Gallaudet College, hoje conhecida como Gallaudet University. Nessa época, ele não sabia nada de ASL. Ele teve que aprender alguns sinais, que ele usava ao mesmo tempo em que dava suas aulas em inglês, como a maioria dos outros professores. Nessa época, nem na Gallaudet havia aulas de ASL, pelo simples fato de que ninguém, nem mesmo os surdos consideravam a sinalização como parte de uma língua autônoma. Stokoe não demorou a perceber que existia uma diferença entre a sinalização que ocorria quando um surdo se comunicava com outro, e a que ele usava como acompanhamento de palavras em inglês, durante suas aulas. A partir daí, ele começou a observar cuidadosamente a sinalização usada pelos surdos e demonstrou que aquela sinalização era uma língua autônoma, que seguia uma gramática própria. Vejam, então, que foi um falante de inglês, que não sabia ASL, que primeiro descreveu a gramática dessa língua, e que deu início a uma revolução nos estudos lingüísticos, mostrando a todo o mundo que as línguas de sinais são línguas naturais.

Certamente, vocês vão ouvir falar muito de Stokoe ao longo de todo o curso. Mas, antes disso, nas próximas aulas, nós vamos conhecer um pouco de duas grandes linhas teóricas da lingüística moderna: a teoria de Saussure e a teoria de Chomsky.

Unidade 2: A língua para Ferdinand de Saussure

O suíço Ferdinand de Saussure pode ser considerado o pai da lingüística moderna. Nos anos de 1907, 1908 e 1910, ele deu três cursos na Universidade de Genebra, na Suíça. Alguns de seus alunos tomaram notas de suas aulas, e, em 1916, publicaram a famosa obra intitulada *Curso de Lingüística Geral*, contendo uma boa parte do pensamento de Saussure, que tinha morrido em 1913. Portanto, o *Curso de Lingüística Geral*, de Saussure, é uma obra póstuma.

Vocês poderiam me perguntar:

--“Então, a lingüística não existia antes de Saussure?”

Não como ela é concebida hoje. Mas, ao longo de toda a nossa história, há inúmeros registros do interesse dos homens pelas línguas. Na Índia, há mais ou menos 2500 anos atrás, Panini já tinha elaborado uma gramática bastante sofisticada do sânscrito, em seus aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos. Na Grécia antiga, muitos filósofos também se interessavam por vários aspectos da língua humana, entre eles, a relação entre língua e pensamento, a gramática, a retórica, e a poética. Vários fenômenos da gramática das línguas modernas são, até hoje, analisados com base nos ensinamentos de Aristóteles. Na Idade Média, um grande esforço foi feito por parte dos estudiosos da língua, no sentido de preservar o latim da influência das línguas dos povos bárbaros, que tinham invadido o Império Romano, e que tinham se estabelecido em toda a Europa. Isso significa que, nessa época, os estudos lingüísticos tinham uma orientação prescritivista. Vocês se lembram que, em outra aula, eu tinha dito que, como ciência, a lingüística não pode impor regras, nem deve tentar proteger as línguas das mudanças. Vejam como não adianta. Por mais que os estudiosos medievais tenham tentado preservar o latim, aos poucos ele foi desaparecendo, e outras línguas foram surgindo a partir dele, como o português, o espanhol, o italiano, o francês, o romeno.

Na Idade Moderna, com os descobrimentos da África e das Américas, e com o domínio da Europa sobre boa parte da Ásia, um novo interesse lingüístico surgiu. Os europeus estavam diante de línguas muito diferentes daquelas com as quais eles estavam acostumados. Os estudiosos das línguas não podiam mais ficar limitados aos estudos sobre o grego e o latim, e começaram a observar, ainda que perplexos, os fenômenos fonéticos e gramaticais de línguas como o chinês, como certas línguas indígenas da América, e certas línguas africanas. Aí tem início uma linha de estudos lingüísticos que atingiu seu apogeu no século XIX: os estudos histórico-comparativos. Em 1816, um estudioso da história das línguas chamado Franz Bopp publica um estudo comparativo da conjugação verbal do sânscrito, do

grego, do latim, do persa e do germânico, que evidencia a enorme semelhança entre essas línguas. Surge, nesse momento a idéia de parentesco entre as línguas. A hipótese é a de que todas essas línguas têm uma origem comum. Por isso, elas constituem uma família de línguas, que passaram a se chamar *línguas indo-européias*. Fica claro que essa família de línguas se diferencia de outras línguas com as quais os europeus vinham tendo contacto. Por sua vez, essas outras línguas também começam a ser agrupadas em grandes famílias.

É no contexto desses estudos histórico-comparativos que Saussure lança suas idéias sobre a língua e sobre a linguagem. A partir desse momento, os estudos lingüísticos começam a adquirir um caráter mais profundo e abstrato. Eles deixam de se concentrar na comparação de manifestações externas de várias línguas, e passam a se interessar pela língua como um sistema de valores estruturado e autônomo, que é subjacente a toda e qualquer produção lingüística, seja ela feita em português, em inglês, em francês, em ASL, em LIBRAS, ou em qualquer outra língua. Aí a lingüística passa a ser concebida como uma ciência: ela não só descreve fatos lingüísticos, mas busca uma explicação coerente para sua ocorrência.

Vamos ver, então, alguns dos pontos importantes do pensamento de Saussure.

2.1 Língua e Linguagem

Para Saussure, linguagem é uma faculdade humana, uma capacidade que os homens têm para produzir, desenvolver, compreender a língua e outras manifestações simbólicas semelhantes à língua. A linguagem é heterogênea e multifacetada: ela tem aspectos físicos, fisiológicos e psíquicos, e pertence tanto ao domínio individual quanto ao domínio social. Para Saussure, é impossível descobrir a unidade da linguagem. Por isso, ela não pode ser estudada como uma categoria única de fatos humanos. A língua é diferente. Ela é uma parte bem definida e essencial da faculdade da linguagem. Ela é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias estabelecidas e adotadas por um grupo social para o exercício da faculdade da linguagem. A língua é uma unidade por si só. Para Saussure, ela é a norma para todas as demais manifestações da linguagem. Ela é um princípio de classificação, com base no qual é possível estabelecer uma certa ordem na faculdade da linguagem.

Vocês devem estar pensando que isso tudo é muito complicado. De fato, não estamos lidando com conceitos fáceis. Mas vamos retomar essas idéias de Saussure de uma maneira mais informal. O que Saussure pensa é que os homens têm uma capacidade para produzir sistemas simbólicos, ou seja, sistemas de conceitos associados a uma determinada forma, como a língua, as artes plásticas, o cinema, o teatro, a dança. Essa capacidade é a linguagem. Para Saussure, a capacidade da linguagem não pode ser o objeto de estudo de uma única ciência como a lingüística, na medida em que ela tem características de naturezas diversas: física, fisiológica, antropológica, etc. O objeto da lingüística deve ser a língua, que é um produto social da faculdade da linguagem, e que é uma unidade.

Uma pergunta que talvez vocês estejam querendo fazer neste momento é:

--“O que significa dizer que a língua é um *produto social* da faculdade da linguagem? Por que *social*?”

A língua é um fenômeno que está além do domínio individual de cada um de nós. Ela não é minha, nem de cada um de vocês, nem de nenhuma outra pessoa considerada individualmente. Ela é produto de uma comunidade, ela é parte do domínio dessa comunidade. O português brasileiro é a língua de uma grande comunidade de pessoas ouvintes, nascidas no Brasil. A LIBRAS é a língua de uma grande comunidade de pessoas surdas nascidas no Brasil. Essas línguas não se limitam a uma ou outra pessoa. Elas nascem e se desenvolvem no âmbito de um grupo social, não no âmbito individual.

Uma consequência do fato de a língua ser social é ela ser também convencional: ela existe e se mantém por um acordo coletivo tácito entre os falantes. Isso significa que um falante de uma língua não pode fazer modificações nessa língua a seu bel prazer. Imaginem, por exemplo, um falante do português que não goste de chamar os dias da semana de segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira, sábado e domingo. Ele resolve, então, sozinho, chamar esses dias de, por exemplo, *lual*, *martal*, *mercural*, *toral*, *livral*, *saturnal* e *solal*. Daí ele liga para o médico para marcar uma consulta, e diz que prefere ser atendido no próximo *mercural*, porque em todos os *martais* e *torais* ele trabalha o dia inteiro. Vocês acham que a recepcionista do consultório vai entender? Certamente que não. A comunicação humana seria impossível se a língua não fosse convencional.

Mas vamos voltar à diferença entre língua e linguagem. Saussure entende que, de todas as manifestações da faculdade da linguagem, a língua é a que mais bem se presta a uma definição autônoma. Por isso, ela ocupa um lugar de destaque entre as manifestações da linguagem, e, como tal, deve ser tomada como base para o entendimento de todas essas outras manifestações. Por isso, hoje em dia, a Semiótica, que é a ciência que estuda todas as manifestações da faculdade da linguagem, parte sempre de análises feitas sobre a língua. Baseados nessas análises lingüísticas, os semioticistas estudam outras manifestações da faculdade da linguagem, como o cinema, a pintura, a escultura, a música, as tatuagens e uma variedade de manifestações da linguagem.

Vocês devem estar ansiosos, querendo me dizer o seguinte:

--“Bem, você falou um tempão sobre a diferença entre linguagem e língua, mas, até agora, não explicou exatamente o que é língua para Saussure!”

Sim, vocês têm um pouco de razão. É preciso ter calma, que ainda falta muito o quê explicar. Mas nós já vimos várias características da língua. Primeiro, vimos que língua e linguagem são bastante diferentes: a linguagem é uma capacidade humana, da qual a língua é um produto. Também vimos que

a língua é um fenômeno social e convencional. Vamos explicitar isso melhor, distinguindo língua de fala.

2.2 Língua e Fala

Os estudos lingüísticos modernos que analisam a obra de Saussure usam o termo “dicotomia” para denominar quatro pares de conceitos centrais na teoria saussuriana. Se vocês olharem em um dicionário, como o Aurélio, por exemplo, vocês vão ver que existe um sentido para o termo “dicotomia”, usado na lógica, que é o de “divisão lógica de um conceito em dois outros conceitos, em geral contrários, que lhe esgotam a extensão”. É exatamente essa a idéia que devemos fazer quando falamos das dicotomias saussurianas. Os conceitos dicotômicos se opõem, um só pode ser entendido em relação ao outro, e, juntos, formam um conceito maior, que é central para o entendimento do que é a língua humana.

As quatro famosas dicotomias saussurianas são: língua e fala, significante e significado, sincronia e diacronia, e paradigma e sintagma. Neste momento, nosso objetivo é esclarecer o que são língua e fala.

Nós vimos, há pouco, que a língua é coletiva e social. A fala, por outro lado, é a manifestação ou concretização da língua, por um indivíduo. Na língua, está o que é essencial; na fala está o que é acessório e mais ou menos accidental. A língua não é uma função do falante. A fala, diferentemente, é um ato individual de vontade: ao falar, o falante precisa fazer opções por uma ou outra maneira de dizer a mesma coisa, fazer escolhas sobre o vocabulário que vai usar, entre outras coisas. Cada pessoa nascida no Brasil que tem o português como língua materna pode narrar o mesmo acontecimento de maneiras muito diferentes. Cada pessoa vai produzir uma fala diferente. Mas a língua vai ser sempre a mesma: português. E é justamente o fato de que a língua é a mesma que faz com que as pessoas consigam se comunicar.

Para ilustrar a diferença entre língua e fala, Saussure se vale do fato de que existem inúmeras línguas mortas. O latim, por exemplo, é uma língua morta. Ninguém mais usa o latim. Não há mais “falas” do latim. Mas a língua continua a existir.

Neste momento de todo curso de Introdução aos Estudos Lingüísticos, é muito comum os alunos fazerem a seguinte pergunta:

--“Então a fala é o som produzido pelas línguas orais, ou os gestos produzidos pelas línguas de sinais?”

Não. A fala é a língua posta em uso, mas ela não se limita ao meio--sonoro, gestual, escrito--que usamos para colocar nossa língua em uso. Ela é a prática da língua, e apresenta várias propriedades, que vão muito além do som, do gesto, ou da grafia. Para Saussure, a fala não devia ser estudada pela lingüística, justamente porque ele pensava que ela era secundária e assistemática. Hoje em dia, a visão que se tem da fala é muito diferente. Seu estudo é extremamente interessante e é considerado de grande importância na lingüística moderna. Quando vocês cursarem as disciplinas chamadas

Pragmática e Análise do Discurso, vocês vão conhecer algumas peculiaridades da fala.

Para Saussure, o objeto da lingüística é a língua. Mas ele não deixa de considerar a possibilidade de fatos da fala interferirem na língua, a ponto de causar algumas mudanças no sistema. Um exemplo clássico do português é o do aparecimento, nessa língua, dos fonemas / l / e / ʎ /, que correspondem às grafias -lh e -nh, respectivamente. Esses fonemas não existiam em latim. Sua origem é fruto da palatalização das consoantes / l / e / n / diante de / i /, que deu como resultado a pronúncia [fi u] para o latim *filii*, e a pronúncia [vi a] para o latim *vinia*. Enquanto essas mudanças se mantinham no nível fonético, ou seja, da pronúncia, elas estavam no domínio da fala. Entretanto, com o passar dos anos, no português elas chegaram a alterar o sistema, passando a adquirir um caráter distintivo. Isso significa que, hoje em dia, / l / e / ʎ / podem diferenciar significados, como em *galo* versus *galho*. O mesmo acontece com / l / e / n /, como em *pena* e *penha*. Essa distinção, agora, é parte da língua.

--“Mas, afinal, o que é língua? Vocês me perguntam.

Bem, chegou finalmente o momento de apresentar a idéia de Saussure sobre o que é a língua humana. É importante lembrar algo que já vimos em aulas passadas: cada teoria lingüística define língua de uma maneira diferente. Apesar de sua grande importância, a noção de língua de Saussure é uma entre várias noções de língua com as quais a lingüística moderna opera.

Para Saussure, a língua é um sistema. Um sistema é um conjunto organizado de elementos, que se define pelas características desses elementos, e no qual cada elemento se define pelas diferenças que apresenta em relação a outro elemento, e por sua relação com todo o conjunto.

--“Isso parece complicado!”, vocês devem estar querendo me dizer.

Não, não é. Vamos pensar em uma escola, por exemplo. O que é uma escola? É um conjunto de elementos, que são os estudantes. E o que são os estudantes? São os elementos de uma escola. Aí temos parte de nossa definição de sistema: o conjunto (escola) definido por sua relação com as partes (estudantes), e as partes (estudantes) definidas por sua relação com o todo (escola). Mas podemos ir além. Cada grupo de estudante pode ser definido por oposição a um outro grupo de estudante: os da 1^a. série são definidos por oposição aos da 2^a. série; os do período da manhã são definidos por oposição aos do período da tarde; e assim por diante.

Uma outra metáfora usada pelo próprio Saussure para esclarecer essa questão é a de uma rede de pescar. A rede é formada de nós, e cada nó se relaciona com todos os outros nós que formam a rede. A rede, que é o conjunto, é definida como um sistema de nós; os nós, que são as partes, são definidos por sua relação com o todo, porque formam a rede, e por sua relação com todos os outros nós. Assim é a língua, para Saussure. Na língua, só existem diferenças.

Vocês devem estar querendo perguntar:

--“O que significa dizer que na língua só existem diferenças?”

Significa o que nós acabamos de ver: que cada elemento da língua se define pela diferença que apresenta quando comparado a outro elemento. Vamos dar um exemplo do português para esclarecer essa noção. Pensem na palavra /pata/. Como é que eu posso definir o fonema /p/ que aparece no início da palavra? Eu posso dizer que ele não é /b/. Vejam que, se eu substituir /p/ por /b/ eu obtenho outra palavra: /bata/. Eu também posso dizer que /p/ não é /m/. De novo, se eu substituir /p/, em /pata/, por /m/, eu obtenho ainda uma outra palavra do português: /mata/. Eu posso ir além, e dizer que /p/ não é // . Se eu substituir /p/ por // eu obtenho /lata.

Tomemos ainda outro exemplo. Vamos pensar em um verbo como *cantar*. Esse verbo é composto de dois morfemas, *cant-* e *-ar*. Como é que eu posso definir o morfema *cant-*? Por sua oposição com *bord-*, que forma o verbo *bordar*. Ou por sua oposição com *danç-*, que forma o verbo *dançar*. E como é que eu posso definir o morfema *-ar*, do verbo *cantar*? Por sua oposição com o morfema *-er*, que forma o verbo *beber*. Ou ainda por sua oposição com o verbo *-ir*, que forma o verbo *partir*.

Para Saussure, o conjunto de diferenças que existe na língua está relacionado com a noção de *valor*. Em todos os exemplos acima, cada elemento analisado tem seu valor lingüístico estabelecido por sua relação com os demais elementos da língua que sejam da mesma natureza. Assim, /p/ tem seu valor lingüístico estabelecido por sua diferença em relação a /b/, a /m/, a //. O morfema *cant-* tem seu valor lingüístico estabelecido pela oposição que faz a *danç-*, a *bord-*. E o morfema *-ar* tem seu valor estabelecido por sua diferença em relação a *-er* e *-ir*.

Vamos ver alguns exemplos da LIBRAS. Pensem em um par de sinais como SÁBADO e APRENDER. Do ponto de vista da fonologia das línguas de sinais, eu posso definir SÁBADO por oposição a APRENDER, pelo ponto de articulação dos dois sinais: SÁBADO é realizado diante da boca do sinalizador, e APRENDER é sinalizado diante da testa do sinalizador. Pensem agora em sinais como SEMANA, DUAS-SEMANAS, TRÊS-SEMANAS, QUATRO-SEMANAS. Como é que podemos definir esses sinais? Do ponto de vista morfológico, esses sinais são compostos de dois morfemas: o número, que é representado pela configuração de mão, e o sinal SEMANA, que é representado pelo movimento retilíneo diagonal, realizado no espaço de sinalização, na altura do tronco do sinalizador. Na realização desses sinais, o morfema correspondente a SEMANA se mantém igual, mas as configurações de mão vão mudando, para expressar os morfemas que significam os diferentes números. Cada um desses morfemas se define pela oposição que faz em relação aos outros morfemas da mesma natureza.

Em resumo, para Saussure, a língua é:

- a) um sistema estruturado de elementos, que se define por sua relação com esses elementos; esses elementos, por sua vez, se definem por sua relação com o sistema e por sua relação com os demais elementos que compõem o sistema. Por isso, para

Saussure, na língua só há diferenças. A diferença que se estabelece entre cada elemento do sistema revela seu valor lingüístico;

- b) um produto essencial da faculdade da linguagem, com base no qual todas as outras manifestações da linguagem devem ser analisadas;
- c) social, exterior ao indivíduo. Ela existe por uma espécie de contrato entre os membros de uma comunidade. Por isso, ela não pode ser nem criada, nem modificada por um indivíduo. Nesse sentido, a língua difere da fala, que é individual.

Eu sei que vocês devem estar preocupados, achando que lingüística é uma disciplina muito difícil. De fato, nós estamos lidando com conceitos bastante complexos. Mas vocês não precisam se preocupar. Este é o primeiro módulo de todo o curso. À medida que o curso for avançando, essas noções vão ficando mais e mais claras.

Passemos agora ao estudo de uma outra dicotomia saussuriana, de grande relevância: a que trata da constituição do signo lingüístico.

SIGNIFICANTE E SIGNIFICADO

A noção de valor introduzida por Saussure para tratar das diferenças de que se constitui o sistema lingüístico é de extrema importância na consideração dos dois elementos fundamentais do sistema lingüístico: as idéias e os sons ou gestos. Esses dois elementos entram na constituição do signo lingüístico.

--“E o que é um signo lingüístico?”, vocês me perguntam.

Signos são unidades lingüísticas que significam alguma coisa. Por exemplo, *mesa* é um signo do português. Quando eu uso esse signo, todos os falantes de português sabem a o quê eu quero me referir. Uma palavra como *arvoredo*, por exemplo, também é um signo do português. Mas ela é composta de dois outros signos menores que também têm significação: *arvor-* (árvore) e *-edo*, que significa conjunto de alguma coisa. Sentenças também são signos. Se eu digo *O João comprou batatas*, essa sentença também é um signo do português, porque ela significa alguma coisa. Textos também são grandes signos, na medida em que também têm uma significação própria. Assim, por exemplo, o romance de Machado de Assis, intitulado *Quincas Borba*, é um signo; do mesmo modo, o poema épico de Camões, intitulado *Os Lusíadas*, é um signo.

No nosso dia-a-dia, nós temos muitas vezes a impressão de que os signos são uma mera nomenclatura das coisas que existem no mundo. Muitos de nós têm a idéia de que o nosso mundo está repleto de coisas, e que a língua é criada para nomeá-las. Nessa idéia, então, as coisas já existiriam antes da língua.

Saussure se opõe frontalmente a essa visão. Para ele, nossas idéias a respeito de o quê as coisas são dependem da língua. A seu ver, não existem

idéias estabelecidas anteriormente à língua. Antes da língua, nosso pensamento é uma massa amorfa e indistinta, como uma nebulosa.

Do mesmo modo, antes da língua, a substância fônica ou gestual que participa da constituição dos signos também é uma massa amorfa, constituída, de maneira desordenada, de todos os sons ou gestos que o ser humano é capaz de produzir.

A língua é uma relação que associa a massa amorfa do pensamento à massa amorfa fônica/gestual, ao mesmo tempo formatando-as, delimitando-as de uma maneira particular. Ao impor uma formatação à massa amorfa do pensamento, a língua cria o significado, que é um conceito. Ao impor uma formatação à massa amorfa fônica/gestual, a língua cria o significante, que é uma imagem acústica (no caso das línguas orais) ou ótica (no caso das línguas de sinais). Juntos, significante e significado formam o signo lingüístico.

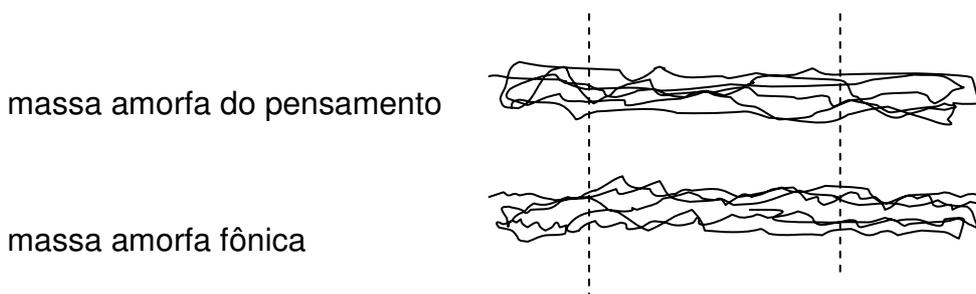
É importante entender que a formatação das massas amorfas do pensamento e dos sons acontece ao mesmo tempo. Para ilustrar esse fato, Saussure usa a metáfora da folha de papel: o pensamento é a frente da folha, e o som/gesto é o verso. Você não pode cortar um, sem cortar necessariamente o outro. Portanto, não se trata de termos uma idéia já pré-concebida e procurarmos um som/gesto para representá-la. Nem se trata de termos uma cadeia sonora ou gestual à nossa disposição e usarmos essa cadeia para uma idéia. A língua cria significante e significado ao mesmo tempo.

Ao ver de Saussure, ao criar os signos, a língua impõe uma organização, tanto na massa amorfa do pensamento, quanto na massa amorfa fônica/gestual. Cada signo adquire um valor, que vai demarcar seus limites, e contrapô-lo a outros signos.

Vocês poderiam perguntar:

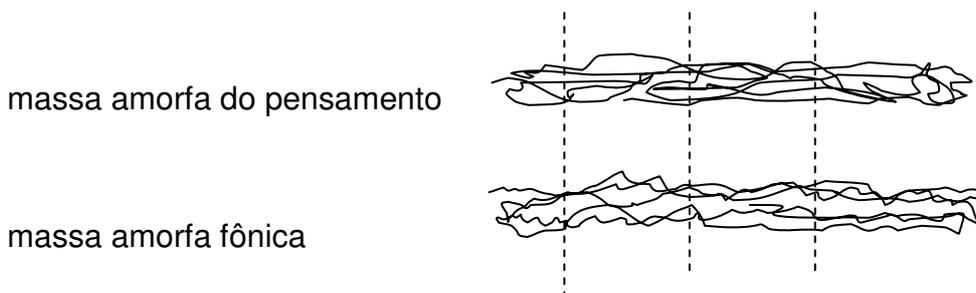
--“Essa noção de valor é a mesma já discutida a respeito da idéia da língua como um sistema?”

Sim, exatamente. Como já foi visto, a noção de valor é muito importante na teoria saussuriana. Um signo se define pelas diferenças que ele tem quando comparado a outros signos. Cada signo tem um valor, e é esse valor que permite contrastá-lo com outros signos, e defini-lo. Vamos esclarecer essa idéia discutindo uma diferença entre o português e o inglês, apoiando-nos em um esquema sugerido pelo próprio Saussure (1969:131):



Na primeira linha do esquema, temos a massa amorfa do pensamento, e, na segunda, temos a massa amorfa fônica. O português faz um recorte nas duas massas amorfas e cria o signo *porco*, cujo significado é nosso conceito do animal [PORCO] e da carne que muitos de nós gostamos de comer, e cujo significante é /porku/, ou seja, a seqüência de fonemas do português que é usada para produzirmos o signo *porco*. No sistema do português, esse signo se opõe a outros signos, como vaca, carneiro, galinha, etc.

Vejamos, agora, o que acontece no inglês:



Na mesma massa amorfa de pensamento, e na mesma massa amorfa fônica, o inglês faz dois recortes: um deles cria o signo *pig*, que é o animal que nós chamamos de *porco*; o outro cria o signo *pork*, que é a carne do animal *porco*, que muitos de nós gostamos de comer. Cada um desses signos tem seu próprio valor no sistema do inglês, e se definem pela oposição que podemos fazer entre eles. Assim, enquanto em português o signo “porco” se opõe a outros animais e suas carnes, em inglês, o signo *pig* se opõe a outros animais, mas também ao signo *pork*, que é a carne do porco.

É por isso que, para Saussure, a língua é um princípio de classificação: a língua é uma forma de interpretar, organizar e categorizar o mundo. De uma mesma realidade, o português cria uma única categoria *porco*, que engloba tanto o animal quanto sua carne, enquanto o inglês cria duas categorias: uma para o animal, outra para a carne. Essa diferença entre os recortes feitos pelo inglês e pelo português podem também ser vistas em outras categorizações. O português tem um signo *carneiro*, que engloba tanto o animal quanto sua carne; o inglês tem, novamente, dois signos diferentes: *sheep* para o animal, e *mutton* para sua carne. O português tem um signo *vaca*, que abrange o conceito do animal e de sua carne, enquanto o inglês o inglês tem dois signos, *cow* e *beef*, para o animal e para a carne, respectivamente.

Mas, vocês poderiam perguntar:

--“Então, será que o inglês e o português sempre criam signos diferentes para tudo, e categorizam o mundo de maneira sempre tão diferente?”

Não. Por exemplo, inglês e português parecem ter as mesmas categorias de cores básicas, correspondentes aos signos preto, branco, vermelho, amarelo, azul, verde, marrom, roxo, rosa, laranja e cinza. Outros povos fazem recortes diferentes no espectro das cores. Alguns, por exemplo, têm um único signo para expressar o que nós chamaríamos ou de azul, ou de verde. Outros povos, ainda, têm apenas dois signos para todas as cores: um

deles compreende o que para nós seria o preto, o azul, o verde e o cinza; o outro compreende o que para nós seria o branco, o amarelo, o laranja e o vermelho.

Os povos diferem muito, também, no que diz respeito ao recorte que fazem nas relações de parentesco. Em português, por exemplo, nós temos dois signos *irmão* e *irmã* para designar filhos do nosso pai e/ou da nossa mãe, sejam eles mais novos ou mais velhos que nós. Em húngaro, há quatro signos distintos: *bátya* para irmão mais velho, e *öccs* para irmão mais novo; *nené* para irmã mais velha, e *húg* para irmã mais nova.

Para Saussure, então, cada língua “cria” um mundo, diferente do mundo físico real. É com esse mundo criado pela língua que nós operamos.

Vocês poderiam, agora, fazer o seguinte comentário:

--“Bem, essas idéias são bastante difíceis de entender. Entretanto, quando falamos dos recortes feitos na massa amorfa do pensamento, que criam conceitos que diferem de língua para língua, tudo bem. Mas o que acontece na massa amorfa fônica ou gestual? Como é que as línguas fazem recortes nessa massa fônica ou gestual?”

Vejam que, de todos os sons ou gestos que os seres humanos são capazes de produzir, cada língua escolhe um subconjunto deles, como aqueles sons ou gestos que têm valor dentro do sistema. Comparando, novamente, o inglês e o português, o inglês usa muitos sons que nós não usamos em português. Entre eles, estão os sons [], [], que, na escrita, são representados com a seqüência *th-*. Esses sons são produzidos com a língua entre os dentes, em palavras como *thing* (coisa) e *the* (o, a). O primeiro deles se produz sem a vibração das cordas vocais, e o segundo se produz com a vibração das cordas vocais. Esses sons, em inglês, têm valor: eles distinguem significado. Assim, por exemplo, a palavra *thin* (magro/a), produzida com a língua entre os dentes, é diferente da palavra *tin* (lata), produzida com a ponta da língua tocando os alvéolos. Também é diferente da palavra *sin*, que apesar de ser sibilante como *thin*, não tem a língua entre os dentes. No modelo de Saussure, podemos dizer que na formatação que o inglês faz da massa amorfa fônica, um valor foi atribuído aos sons [] e [], de modo que eles fazem parte do sistema lingüístico do inglês. Português faz um recorte diferente. No sistema do português, esses sons não têm valor. Fenômenos semelhantes devem acontecer nas línguas de sinais. De todas as configurações de mão possíveis, de todos os pontos de articulação possíveis, cada língua de sinais deve escolher um subconjunto de configurações e pontos, e dar valor aos membros desse subconjunto, deixando várias configurações e pontos de articulação de fora. Vocês vão estudar esse assunto mais profundamente quando estiverem cursando a disciplina Fonética/Fonologia.

Uma observação que é muito importante é a de que, para Saussure, ao fazer as delimitações nas massas amorfas do pensamento e do sons/gestos, a língua produz uma *forma*. Ou seja, de uma substância amorfa de pensamento e de uma substância amorfa fônica/gestual, a língua cria uma forma. Significante e significado são formas, não substâncias. A lingüística tem por

objeto o estudo da forma do significante e da forma do significado, não da substância. Para Saussure, o estudo da substância do significado é objeto de estudo da psicologia, e o estudo da substância do significante é a fonética acústica e articulatória.

Neste momento, vocês poderiam fazer a seguinte objeção:

--“Mas você disse que existe uma área da lingüística que faz interface com a psicologia, e se interessa por questões relativas à cognição! O mesmo acontece com a fonética. Nós até vamos ter uma disciplina que se chama Fonética/Fonologia!

Sim, vocês têm razão de estranhar o que eu acabei de dizer a respeito da visão de Saussure sobre o objeto da lingüística. Mas não se esqueçam de que Saussure estava tentando lançar as bases de uma ciência. Por isso, ele precisava ser radical no estabelecimento dos limites do objeto dessa ciência. Hoje em dia, muitos lingüistas que fazem pesquisa sobre semântica não deixam de se interessar sobre questões centrais da psicologia, exatamente porque as línguas têm uma relação direta com essas questões: afinal, a língua é uma formatação da massa amorfa do pensamento, que é um dos objetos de estudo da psicologia. O mesmo acontece com lingüistas que estudam fonologia. Eles não podem deixar de estudar fonética, porque é essa disciplina que analisa a massa fônica/gestual que é formatada pelas línguas!

Bem, vamos passar para as duas últimas dicotomias saussurianas, que são mais *light*: sintagma e paradigma, e sincronia e diacronia.

2.3 Sintagma e Paradigma

Essa é uma dicotomia razoavelmente fácil de ser entendida. Como já vimos, na língua, todos os elementos se definem pelas relações que estabelecem com outros elementos e com o próprio sistema lingüístico. Essas relações e as diferenças que se estabelecem entre os elementos que constituem o sistema podem ser separadas em dois grupos. Cada um desses grupos corresponde a uma forma de atividade mental, e ambos são fundamentais para a língua.

Antes de entrar propriamente no estudo desses grupos de relações, precisamos discutir uma característica que Saussure atribui às línguas naturais, que é de particular interesse para quem se dedica ao estudo das línguas de sinais. Trata-se da linearidade do significante. Para Saussure, que limitou suas observações às línguas orais, o significante das línguas, por ser de natureza acústica, só poderia se desenvolver em uma seqüência linear. Ou seja, seus elementos se apresentariam um após o outro, em uma linha no tempo. Em outras palavras, para Saussure, na língua não existe simultaneidade. Ele chega a dizer que, no caso do acento que se sobrepõe a uma sílaba, diferenciando as sílabas tônicas das sílabas átonas dentro de uma mesma palavra, não há simultaneidade de elementos significativos diferentes.

Hoje em dia, alguns lingüistas ainda se prendem bastante a essa noção de Saussure. Para esses lingüistas, essa é uma grande diferença que existe

entre a língua e outras manifestações da faculdade da linguagem, como a pintura, em que os significantes não se apresentam de forma linear, mas se sobrepõem uns aos outros. Entretanto, um grande número de lingüistas tem questionado essa visão. Primeiro, porque ela não se aplica tão categoricamente às línguas de sinais; segundo, porque ela deixa de lado muitos fenômenos das línguas orais, que ocorrem simultaneamente à cadeia linear de significantes. Em algumas línguas orais, como o português, por exemplo, o acento da palavra pode distinguir significado. É o que acontece com os signos *sábia*, *sabia*, *sabiá*. Vejam, o acento é algo que ocorre simultaneamente à pronúncia de sons vocálicos dessas palavras. A entonação também é distintiva de significado, e, sem dúvida, ela ocorre simultaneamente a uma seqüência de significantes. Por exemplo, é com um tipo particular de entonação sobreposta à sentença *Você foi ao cinema ontem*, que nós distinguimos essa afirmação, da interrogação *Você foi ao cinema ontem?*

Nas línguas de sinais, a simultaneidade é um fato bastante comum: é possível se realizar um signo com uma mão, e outro com a outra, ao mesmo tempo. Além disso, enquanto as mãos estão realizando sinais lexicais, a posição do tronco e da cabeça, a direção do olhar, as expressões faciais estão fornecendo informações discursivas e gramaticais.

Mesmo assim, é inegável que, mesmo nas línguas de sinais, há linearidade em todos os níveis de análise: do fonológico ao discursivo. Na morfologia das LIBRAS, por exemplo, um sinal como MELÃO, que é um sinal composto, é feito da seguinte maneira: a primeira parte do sinal é feita com as mãos abertas na vertical, palma a palma, dedos separados e curvados, tocando-se pelas pontas, com as bochechas infladas. A segunda parte do sinal é feita com a mão dominante, palma para o lado oposto, os dedos dobrados, as pontas dos dedos tocando a ponta do polegar, o dedo indicador estendido; a lateral do indicador toca a testa e desce até o nariz. O sinal precisa ser realizado nessa ordem linear. Não é possível invertê-la. Certamente, quando vocês estudarem a fonologia, a morfologia e a sintaxe da LIBRAS, vocês vão ver que, apesar das propriedades de simultaneidade que ela exhibe, existe muita linearidade em todas as línguas de sinais.

Podemos, agora, voltar à questão da dicotomia sintagma versus paradigma. Nós podemos pensar em sintagma e paradigma como dois eixos: o primeiro corresponde a um eixo horizontal, o segundo a um eixo vertical. O eixo sintagmático, ou horizontal, é o eixo da linearidade. O exame dos elementos lingüísticos nesse eixo envolve o contraste que um elemento estabelece com outro elemento que está adjacente a ele na cadeia de elementos que ocupa a linha horizontal. Assim, por exemplo, em português, uma palavra como *inconstitucional* é formada de três signos, ou morfemas: *in-*, *constitucion-*, e *-al*. Cada um desses signos adquire um valor porque se opõe ao signo que o precede, ou que o sucede, ou aos dois. O mesmo acontece com certas expressões como *forçar a barra* (que significa *insistir*), ou *não dar bola* (que significa *não dar importância*), entre outras. Cada termo dessas expressões complexas ganha valor pela oposição que faz aos termos precedentes ou seguintes e a toda a expressão. O mesmo acontece no nível fonológico. Por exemplo, em uma palavra do português como *bota*, o fonema

/b/ tem seu valor estabelecido pela relação que estabelece com o fonema /o/, que, por sua vez, tem seu valor estabelecido pelas relações que estabelece tanto com o fonema /b/, quanto com o fonema /t/, e assim por diante.

No nível sintagmático, existe uma determinada ordem de sucessão dos elementos. Por exemplo, os signos que formam a palavra *inconstitucional* não podem aparecer em outra ordem, que não essa. Da mesma maneira, em uma expressão como *forçar a barra*, não é possível alterar a ordem dos constituintes: não podemos dizer algo como *barra forçar a*, ou *a forçar barra*, ou *forçar barra a*. Aliás, isso acontece não só com expressões idiomáticas como essa. Por exemplo, em português, um artigo sempre vem antes do substantivo, como em *o menino, um cachorro*. Na fonologia, também há algumas ordens limitadas. Por exemplo, depois do fonema /b/, podemos ter uma vogal (como em *bata, bebe, bicho, boca, burro*), e podemos ter as consoantes /r/ e /l/ (como em *brasa, blusa*), mas não podemos ter outras consoantes como /p/, /t/, /s/, etc.

O eixo paradigmático ou eixo vertical é o eixo das relações associativas. Segundo Saussure, os signos que têm algo em comum se associam em nossa memória, formando grupos. Dentro desses grupos, as relações que se estabelecem podem ser de vários tipos. Tomemos uma palavra do português como *demonstração*. Essa palavra se associa a muitas outras no que diz respeito à semelhança de significados, formando, assim um paradigma com outras palavras como *exibição, amostragem, exposição*, etc. Ela também se associa a outras palavras pela semelhança do radical, formando um paradigma com palavras como *demonstrar, demonstração, demonstrável*, etc. Ela pode ainda se associar a outras palavras pela semelhança do sufixo, formando um outro paradigma com palavras como *constituição, educação, construção*, etc. Por fim, ela pode formar um paradigma com palavras como *monstro, ração, tração*, etc., pela semelhança dos significantes.

Quando tratamos de sintagma e paradigma, precisamos discutir uma outra noção que é bastante enfatizada na teoria saussuriana -- a da arbitrariedade do signo lingüístico -- que também é de grande interesse para os estudiosos das línguas de sinais. Quando Saussure trata do signo lingüístico, e da relação entre significante e significado, ele é incisivo ao afirmar que o significante de um signo, ou seja, sua imagem acústica ou gestual, é imotivado. Com isso, Saussure quer dizer que não existe nenhuma relação de semelhança entre essa imagem acústica ou gestual e o conceito associado a essa imagem. Para ele, o significante /mar/ do signo *mar* não tem nenhuma relação com o conceito ao qual está associado. Nada nesse som nos dá a idéia de mar. O fato de o som [] nos levar ao conceito que temos de mar é resultado de uma convenção aceita pelos falantes do português.

Algumas pessoas se opuseram a Saussure, afirmando que as onomatopéias são motivadas. Assim, por exemplo, ao falarmos do *tic-tac* de um relógio, estaríamos capturando a semelhança que existe entre o signo *tic-tac* e o barulho feito pelo relógio. A defesa de Saussure a essa crítica se fundamenta em dois argumentos: primeiro, que as onomatopéias são raras nas línguas; segundo, que sua escolha já é arbitrária, na medida em que elas

apenas se aproximam dos sons que ouvimos. Além disso, a arbitrariedade desses signos também se revelaria no fato de que as onomatopéias se conformam a todo o sistema fonético-fonológico da língua. Isso significa que, por mais que tentemos criar signos por imitação aos sons e ruídos que ouvimos, vamos fazer essas imitações valendo-nos do sistema do português, e não realizando sons que não são próprios de dessa língua.

Neste momento, vocês que conhecem bem uma língua de sinais, devem estar querendo fazer uma séria objeção a essa idéia de Saussure:

--“Mas, e as línguas de sinais? Muitos sinais de todas as línguas de sinais do mundo são icônicos, ou seja, são representações da forma dos objetos ou indivíduos aos quais eles se referem! Como é que Saussure pode dar conta desse fato?

Bem, como já dito, Saussure não leva em consideração as línguas de sinais. Em sua época, não se sabia quase nada sobre essas línguas, e muitas pessoas pensavam que os surdos se comunicavam por meio de gestos assistemáticos. O que se pode dizer hoje em dia é que não só nas línguas de sinais, mas também nas línguas orais, muitos signos são motivados: seus significantes procuram imitar ou o som que um objeto faz (no caso das línguas orais), ou a forma que um objeto tem (no caso das línguas de sinais). Mais do que isso, em algumas línguas, algumas entidades são consideradas membros de uma mesma classe por causa de algumas semelhanças que existem entre elas. Assim, em japonês, o morfema *hon* é usado junto a nomes que designam objetos longos e finos, como *lápiz, velas, árvores*. Mas o uso desse morfema também é aplicado a outros nomes, que não se referem a objetos longos e finos, mas que designam certas atividades que podem ser assemelhadas a objetos longos e finos, como ligações telefônicas, que envolvem fios, e que atravessam longas distâncias, ou como tacadas de baseball, que fazem com que a bola descreva uma trajetória longa, etc.

Mesmo Saussure já fazia uma diferença entre arbitrariedade absoluta e arbitrariedade relativa do signo lingüístico. Para ele, um signo como *vinte* é totalmente arbitrário ou imotivado. Mas um signo como *dezenove* é apenas parcialmente arbitrário, porque ele faz lembrar os signos que entram em sua composição, ou seja, *dez* e *nove*. O mesmo acontece com o signo *pereira*, que lembra o signo *pêra*, e cujo sufixo remete a outras árvores como *cerejeira, macieira, jaqueira*, etc. Se compararmos esses nomes de árvores a outros como *eucalipto*, ou *carvalho*, vemos que os primeiros são mais motivados do que os últimos.

Neste momento, vocês devem estar se perguntando o que isso tem a ver com a dicotomia sintagma e paradigma.

Bem, o que Saussure diz é que a motivação parcial de um signo lingüístico se explica por dois princípios: pela análise de um signo em signos menores, o que evidencia uma relação sintagmática; e pela associação desses

signos a outros signos, o que evidencia uma relação paradigmática. Vejam que, em um signo como *pereira*, não só a divisão sintagmática em dois morfemas - *pera-* e *-eira* - como o sentido dessas unidades é fácil de ser percebido, na medida em que elas participam de relações paradigmáticas bastante claras: *pêra* se associa a cereja, a maçã, a laranja, a banana; e *-eira* recebe seu valor a partir de sua associação com outros morfemas como *-al*, em *bananal*, *jaboticabal*, *laranjal*, etc.

Saussure chega mesmo a afirmar que não existe língua em que nada seja motivado. A seu ver, as línguas se colocam entre dois pólos - mínimo de arbitrariedade e máximo de arbitrariedade, algumas tendendo mais para um pólo, outras tendendo mais para outro. Mas é importante ressaltar que, quando Saussure fala de mínimo de arbitrariedade, ele está pensando nos casos como o de *pereira*, ou *dezenove*, discutidos acima. Ele não está, nem de longe, pensando na forte iconicidade que as línguas de sinais apresentam. Os estudos que têm sido feitos a respeito desse assunto pelos pesquisadores das línguas de sinais são da mais alta importância, na medida em que eles têm criado um forte impacto na ciência lingüística, até hoje muito influenciada pelo pensamento de Saussure.

O que é importante ressaltar é que, dentro da noção de arbitrariedade que Saussure desenvolve, está a noção de convencionalidade. Essa, sim, é uma característica forte de todas as línguas humanas. Os signos lingüísticos sempre são convencionais, mesmo quando são icônicos. Ser convencional significa que eles são não são previsíveis, ou seja, nós não podemos adivinhar, antecipadamente, como vai ser em uma língua, ou em outra, o signo que se refere a uma determinada entidade.

--“Bem - vocês podem objetar - como é que algo pode ser icônico e convencional ao mesmo tempo?”

Novamente, as línguas de sinais trazem muitos exemplos dessa possibilidade de combinação. O sinal equivalente a ÁRVORE, na língua de sinais brasileira, é bastante icônico: o braço levantado faz pensar no tronco de uma árvore, e a mão espalmada e executando um movimento de giro faz pensar na copa da árvore, com as folhas balançando ao vento. Na língua de sinais chinesa, o sinal de ÁRVORE também é bastante icônico: com o polegar e o indicador abertos e relaxados, e os demais dedos fechados, as mãos voltadas uma para a outra sobem da altura do abdômen até a altura do peito do sinalizador. Isso faz lembrar o tronco de uma árvore.

Mas, vejam que interessante! Cada língua de sinais tem um signo icônico diferente! Isso mostra como a língua é convencional. Cada povo, cada língua, representa iconicamente uma parte do objeto. Não precisa ser necessariamente a mesma parte. Nem há maneiras de se prever qual parte vai ser. Por isso é que podemos dizer que, apesar de as línguas apresentarem graus maiores ou menores de motivação, elas são sempre convencionais.

Vejam como essa idéia de convencionalidade combina com o que Saussure ensina sobre a constituição do significante e do significado lingüísticos. Como nós já vimos, cada língua faz recortes na massa amorfa do pensamento e na massa amorfa fônica de uma maneira própria, que pode ser bastante diferente da maneira de uma outra língua. Isso também envolve a noção de convencionalidade. Vocês se lembram do exemplo da diferença entre inglês e português de que nós falamos? Em português, temos um só signo para fazer referência ao animal *porco* e a sua carne; em inglês, existem dois sinais: um para fazer referência ao animal, outro para fazer referência à carne. Como é que essa diferença poderia ser prevista, em termos estritamente lingüísticos? Não há meios. Esses recortes são puramente convencionais.

Vamos passar agora à última dicotomia saussuriana.

2.4 Sincronia e Diacronia

Para Saussure, a lingüística é um tipo de ciência que deve se construir sobre dois eixos: o do estado e o das evoluções. O eixo do estado é o eixo sincrônico: nele, a língua é estudada como ela se apresenta em um determinado momento de sua história. Toda intervenção do tempo é excluída. O eixo das evoluções é o eixo diacrônico: nele, a língua é analisada como um produto de uma série de transformações que ocorrem ao longo do tempo.

Por exemplo, podemos estudar o português por qualquer um desses dois eixos. Se fazemos um estudo sincrônico, analisamos o português da maneira como ele é hoje. Em nosso estudo sincrônico, não nos interessa saber quais os estágios de evolução pelo qual essa língua passou, desde o latim até os nossos dias. Se, por outro lado, fazemos um estudo diacrônico, procuramos entender o que foi que aconteceu na língua, ao longo de sua história, para que ela tivesse as características que tem em uma determinada época.

Para esclarecer a questão, Saussure usa a metáfora de um jogo de xadrez. Cada posição do jogo corresponde a um estado da língua. O valor das peças depende de sua posição no tabuleiro. Da mesma maneira, na língua, cada elemento tem seu valor pela oposição que estabelece em relação a outros elementos.

Cada estado desses, quer do jogo de xadrez, quer do sistema lingüístico, é sempre momentâneo. Para passar de um momento a outro, ou de um estado a outro, uma peça é deslocada. Não é necessário que se mude mais que uma peça. Entretanto, essa mudança tem efeitos em todo o jogo. Não há como prever com exatidão quais são esses efeitos, mas o deslocamento de uma peça acaba por ter conseqüências sobre as peças que não foram movidas.

Saussure enfatiza que, tanto no xadrez, quanto na língua, é preciso diferenciar claramente os deslocamentos, de um lado, dos estados de equilíbrio que os antecedem ou que os sucedem, de outro. Quando o jogador está pensando sobre o jogo, ele analisa sucessivamente os diversos estados pelos quais o jogo passa. Ele não fica se preocupando em lembrar como a configuração do tabuleiro chegou ao estado a que chegou. O mesmo acontece com a língua. O falante de uma língua conhece essa língua da maneira como ela se apresenta durante seu tempo de vida. Ele não se preocupa com sua evolução ao longo dos séculos.

Saussure faz apenas uma ressalva a respeito da comparação entre a língua e o jogo de xadrez: no jogo, o jogador tem a intenção de mover uma peça e, assim, alterar o estado do jogo. Na língua, isso não acontece. As mudanças não são intencionais. Como nós já vimos, não é possível que um falante de uma língua decida impor uma mudança em sua língua, por sua vontade. A língua muda naturalmente. Em alguns poucos casos, existem algumas pressões externas que provocam uma mudança lingüística. Essas pressões podem ser consequência de contacto com outras línguas, ou podem ser devidas a algumas mudanças sociais. Mas, muitas vezes, as línguas mudam por razões internas à própria língua. Nós já vimos um exemplo de mudança do português que parece não ter sido causada por nenhum fator externo. Vocês se lembram? Trata-se do aparecimento dos fonemas /l/ (-lh-) e /n/ (-nh-). Como já vimos, esses fonemas não existiam em latim. A primeira mudança que favoreceu seu aparecimento no português foi a palatalização dos fonema /l/ e /n/ diante do fonema /i/, como em /filiu/-/fi u/, /vinia/-/vi a/. A seguir, esse som palatal passou a distinguir significados, permitindo pares de signos como /ka a/-/kala/, /se a/-/sena/. Aparentemente, nenhuma dessas mudanças foi causada por qualquer fator externo. Elas parecem ter sido mudanças espontâneas e fortuitas.

Vocês devem ter uma centena de perguntas e observações a fazer. De fato, a comunidade surda no Brasil, de maneira geral, tem um grande interesse pela história da língua de sinais brasileira, e pelas transformações pelas quais ela tem passado, desde o momento em que a língua de sinais francesa, sua mãe, chegou ao Brasil. Apesar de muito se conversar a respeito desse assunto, ao que parece não existem pesquisas profundas sobre as mudanças que ocorreram na LIBRAS. Vocês podem ir pensando sobre esse assunto, para discutir a questão em mais detalhes na disciplina de Sociolingüística.

Com isso, podemos encerrar esse nosso primeiro contacto com os ensinamentos de Saussure. Nós vimos como Saussure diferencia língua de linguagem. Vimos, também, que Saussure define a língua como um sistema de valores, em que o valor de cada unidade é computado pela diferença que essa unidade apresenta em relação a outras unidades do sistema, e em relação a todo o sistema. Vimos que o cálculo do valor dos elementos lingüísticos deve ser feito levando em conta dois eixos: o das relações sintagmáticas, ou combinatórias; e o das relações paradigmáticas, ou associativas. Nós também estudamos a diferença que existe entre esse sistema de valores (que é a língua) e a fala, que é a manifestação externa

desse sistema de valores. Nós discutimos, ainda, a questão da constituição do signo lingüístico. Um signo lingüístico é a associação indissolúvel de um significante e de um significado, ambos obtidos, respectivamente, de uma formatação feita em uma massa amorfa fônica/gestual, e em uma massa amorfa de pensamento. Nós vimos como a constituição do signo pode ser motivada, mas é sempre convencional. Por fim, vimos que a língua pode ser estudada em sua dimensão estática, e em sua dimensão evolutiva ou histórica.

Podemos, agora, passar a estudar uma outra teoria lingüística, que tem uma visão de língua bastante diferente daquela proposta por Saussure: a teoria chomskyana.

Unidade 3: A língua para Noam Chomsky

Na segunda parte do curso, nós vimos que definir língua não é fácil. Nós vimos que cada teoria tem sua própria definição de língua, e propõe analisar os fenômenos lingüísticos a partir dessa definição. Na terceira parte do curso, nós vimos o conceito de língua para Saussure. Vimos que a língua é um sistema de valores, cujos elementos, que são os signos, são definidos pela diferença que apresentam em relação a outros signos. Vimos, também, que a língua é um fenômeno social, ou seja, é o produto de uma convenção estabelecida entre os membros de um determinado grupo. Para Saussure, língua e fala não se confundem. A fala é a manifestação externa da língua, e, para Saussure, não deve ser objeto de estudo da lingüística. Nos termos da teoria saussuriana, a lingüística deve estudar apenas a língua.

Agora nós vamos começar a estudar uma outra teoria lingüística que define a língua de uma maneira diferente da de Saussure. Essa teoria foi iniciada por um lingüista americano, chamado Noam Chomsky, no final dos anos 60. Hoje em dia, essa teoria é conhecida como Gramática Gerativa.

À medida que formos avançando em nossas aulas, vamos ver que existem algumas compatibilidades entre a teoria saussuriana e a Gramática Gerativa. Entretanto, existe uma diferença fundamental entre os dois modelos teóricos: enquanto, na teoria saussuriana, a língua é considerada um objeto fundamentalmente social, na Gramática Gerativa, a língua é um objeto mental. Para Chomsky, a língua é um sistema de princípios radicados na mente humana. É esse sistema de princípios mentais que é o objeto de estudo da Gramática Gerativa. Por isso, dizemos que a Gramática Gerativa é uma teoria mentalista. Ela não se interessa pela análise das expressões lingüísticas consideradas em si mesmas, separadas das propriedades mentais que estão envolvidas em sua produção e compreensão. Ela também não se interessa pelo aspecto social que a língua apresenta. Seu foco está no aspecto mental da língua.

Uma pergunta que vocês devem estar querendo fazer é a seguinte:

--“Por que o fato de a Gramática Gerativa ser mentalista é tão importante para diferenciá-la da teoria saussuriana?”

Bem, Chomsky não foi o primeiro a se interessar pelos aspectos mentais da produção e da compreensão lingüística. Como nós vimos no início da unidade 2, desde a Antigüidade, muitos estudiosos da linguagem se interessaram pelas relações entre língua e pensamento. Mas, depois de Saussure, os estudos lingüísticos assumiram um viés eminentemente social. O fato de Saussure ressaltar que o signo lingüístico é convencional, e que, cognitivamente, nós não organizamos o mundo antes da língua fez com que,

de maneira geral, os lingüistas da primeira metade do século XX deixassem de considerar que, antes de mais nada, a língua é um fenômeno que parece ser exclusivo da espécie humana. Ou seja, ela é adquirida e usada por seres dotados de um tipo particular de estrutura e organização mental. Assim sendo, as propriedades constitutivas e funcionais da mente humana não podem deixar de ser levadas em consideração, quando temos por objetivo o entendimento do que é a língua. Foi Chomsky que, a partir de 1957, retomou o percurso que muitos estudiosos antigos já haviam trilhado, ressaltando a importância da investigação das relações entre mente e língua. De uma forma mais radical do que outros pesquisadores que o antecederam, Chomsky parte da hipótese de que existe um módulo lingüístico em nossa mente, constituído de princípios responsáveis pela formação e compreensão das expressões lingüísticas, e especificamente dedicado à língua. Esse módulo lingüístico é chamado de *faculdade da linguagem*. Essa faculdade da linguagem é inata, ou seja, todos os seres humanos nascem dotados dela. A faculdade da linguagem é parte da dotação genética da espécie humana.

Neste momento, vocês poderiam me fazer a seguinte pergunta:

--“Mas Saussure também dizia que a linguagem é uma faculdade humana, uma capacidade que os homens têm para produzir, desenvolver, compreender a língua e outras manifestações simbólicas semelhantes à língua. Qual é a diferença que existe entre essa idéia de Saussure e a faculdade da linguagem de Chomsky?”

Essa é uma pergunta complexa. Ela precisa ser respondida por partes. A primeira observação que é preciso fazer é a de que, para Saussure, a faculdade da linguagem é algo que capacita os homens a produzirem e compreenderem **todas** as manifestações simbólicas, inclusive a língua. Diferentemente, o que Chomsky chama de *faculdade da linguagem* é um módulo da mente especificamente associado à língua, e não a outras linguagens (como a pintura, a música, a dança, etc.). A segunda observação que é importante fazer é a de que Saussure não é muito específico a respeito do que é essa faculdade, que ele chama de linguagem. Como seu objetivo é a análise da língua em seus aspectos convencionais ou sociais, a capacidade que os homens têm de se manifestar lingüisticamente não é de interesse para a teoria. Desse modo, Saussure não explicita a relação que essa faculdade que permite a linguagem apresenta com a cognição de maneira geral. Por outro lado, para Chomsky, o que ele chama de *faculdade da linguagem* é um módulo cognitivo independente, especificamente associado à língua. Ao ver de Chomsky, é a faculdade da linguagem que deve ser o objeto central do estudo de uma teoria lingüística.

No âmbito da Gramática Gerativa, essa faculdade da linguagem, em seu estado inicial, ou seja, no estado em que ela está quando a criança nasce, é considerada uniforme em relação a toda a espécie humana. Ou seja, ela é igual em todas as crianças, quer sejam elas surdas ou ouvintes, quer venham elas a ser falantes de português, de inglês, de língua de sinais brasileira, de língua de sinais nicaragüense. Todo ser humano é dotado da faculdade da linguagem, e toda criança parte do mesmo estado inicial em seu processo de aquisição de primeira língua. Esse estado inicial da faculdade da linguagem,

que é parte da dotação genética da espécie humana, e, portanto, inato, chama-se *gramática universal*.

À medida que cada criança vai sendo exposta a um ambiente lingüístico particular, esse estado inicial da faculdade da linguagem vai se modificando. Se a criança é ouvinte, e nasce e cresce em um ambiente em que se fala português, a interação da informação genética que ela traz (no estado inicial da faculdade da linguagem), com os dados lingüísticos do português a que ela é exposta, vai resultar na aquisição da língua portuguesa, e não de uma outra língua. Se, por outro lado, a criança for surda, filha de pais surdos sinalizados, ela vai ser exposta a um ambiente lingüístico em que é a língua de sinais brasileira que vigora. A interação da informação genética de sua faculdade da linguagem com os dados da língua de sinais brasileira vai fazer com que a criança desenvolva o conhecimento dessa língua, não de outra.

Vejam, então, que, para a Gramática Gerativa, a língua pode ser comparada a um ser vivo: ao nascer, esse ser traz em seus genes a capacidade de crescer, de se desenvolver, de amadurecer. Se esse ser vivo recebe nutrientes, ele cresce e se desenvolve. Se não, ele não sobrevive. O mesmo acontece com a informação genética da faculdade da linguagem: em seu estado inicial, que é a gramática universal, ela tem uma pré-disposição genética para crescer e se desenvolver e se tornar uma gramática estável, como a do português, do japonês, da libras, da ASL. Mas, para isso, ela precisa receber nutrientes, ou seja, ela precisa ser exposta a um ambiente lingüístico; se isso não acontecer, essa informação lingüística inata não vai sobreviver.

Para a Gramática Gerativa, a noção de língua está fortemente associada ao estado inicial da faculdade da linguagem e aos resultados do desenvolvimento desse estado inicial pelo contacto com um determinado ambiente lingüístico. Os objetivos mais importantes dessa teoria são, então, os seguintes:

- i. descrever o conhecimento do falante de uma língua em particular, como, por exemplo, o português ou a língua de sinais brasileira;
- ii. caracterizar o tipo de conhecimento inato que a criança traz para o processo de aquisição de uma língua; e
- iii. explicar os processos que levam uma criança desse ponto inicial do conhecimento lingüístico inato até o conhecimento de sua língua.

Vejam como esses objetivos interagem: qualquer proposta sobre o que é o conhecimento lingüístico do falante de uma língua deve ser compatível com os conhecimentos lingüísticos iniciais que a criança traz em sua faculdade da linguagem. Ao mesmo tempo, qualquer proposta sobre o que são os conhecimentos lingüísticos iniciais, que são parte da informação genética da faculdade da linguagem, deve poder explicar as características do conhecimento lingüístico de um falante adulto.

Para a Gramática Gerativa, seu objeto de estudo é a língua, mas entendida como o conhecimento que um falante tem de sua língua, desenvolvido a partir da informação genética trazida pela faculdade da linguagem. Mas, atenção! Vejam que eu estou dizendo que, para a teoria chomskyana, seu objeto é a língua só entendida como esse conhecimento lingüístico desenvolvido a partir do estado inicial da faculdade da linguagem! Não é tudo aquilo que nós chamamos de língua em nosso dia-a-dia. Tecnicamente, o objeto de estudo da Gramática Gerativa, que é a língua entendida desse modo particular, pode ser chamado de *competência*. Competência é o conhecimento mental que um falante tem de sua língua. É o resultado do desenvolvimento do conhecimento lingüístico inato, a partir de sua interação com dados de uma determinada língua. Competência se opõe a *performance*, que é o uso concreto da língua. Para Chomsky, quando usamos a língua em nossa comunicação, lidamos com elementos de natureza social e psicológica que são externas à língua, e que se combinam de forma complexa com nossa competência. Por exemplo, começamos a dizer alguma coisa, e, de repente, esquecemos do que estávamos falando. Essa é uma falha de nossa memória ou de nossa atenção, que influi na exteriorização de nossa língua. Mas essa é uma questão de *performance*, não de competência. Não significa que não conhecemos nossa língua. Significa apenas que tivemos um problema de natureza psicológica no uso do conhecimento que temos de nossa língua.

Um outro exemplo que podemos dar para esclarecer a diferença entre *competência* e *performance* diz respeito a questões sócio-culturais relacionadas ao uso da língua. Comparemos dois brasileiros, falantes nativos de português, um aluno universitário, o outro, um trabalhador com baixo nível de escolarização. Os dois tiveram um problema relacionado a um buraco enorme que apareceu em uma rua da cidade. Os dois ficaram igualmente indignados com o pouco caso que a prefeitura está dando para o calçamento, e pensam que devem escrever uma carta para o jornal, fazendo uma reclamação pública. Qual dos dois vocês acham que vai ter mais facilidade para escrever essa carta da maneira apropriada para ser publicada em um jornal? Em princípio, deve ser o estudante universitário. Uma das coisas que nós aprendemos na escola é a “usar” melhor nossa língua. Nós aprendemos como devemos nos dirigir a pessoas que ocupam cargos importantes, nós aprendemos como escrever dissertações, descrições, cartas. Nós aprendemos a lidar com estilos diferentes de cartas: sabemos como devemos escrever uma carta para nossos amigos, nossos pais, e também aprendemos a escrever cartas para empresas, como jornais, companhias aéreas, escolas, ou para órgãos oficiais, como a universidade, como a prefeitura, o governo do estado. Uma pessoa com baixo nível de escolarização tem uma competência do português igual à de um estudante universitário. Entretanto, sua performance tende a ser bastante diferente, ou seja, sua habilidade de uso de sua competência em situações sociais de diversas naturezas é mais limitada.

Vocês devem estar achando tudo isso muito difícil. De fato, não é fácil compreender esses conceitos. Vocês devem estar querendo fazer a seguinte pergunta:

--“Como é que a competência lingüística de um estudante universitário pode ser igual à competência de uma pessoa com baixo nível de escolarização? Afinal, para chegar à universidade, um aluno precisa ter estudado português por anos e anos? Como é que uma pessoa que só fez o curso primário pode ter a mesma competência do português que esse aluno universitário tem?”

Lembrem-se de que eu disse que a visão de língua (ou, tecnicamente, de competência) que a Gramática Gerativa tem é muito restrita. Ela é o conhecimento lingüístico desenvolvido a partir da interação da informação genética que toda criança traz em sua faculdade da linguagem, com os dados lingüísticos a que ela é exposta. Nada além disso. Vejam, então, que língua, como entendida pela Gramática Gerativa, não é aprendida na escola. Em condições familiares normais, a língua é adquirida antes de entrarmos na escola, no nosso convívio com nossos pais, nossos irmãos, e nossos amigos. Essa língua que é adquirida dessa maneira é que constitui nossa competência. Por isso é que, dentro da visão da Gramática Gerativa, em princípio, não existe diferença entre a competência de um estudante universitário e de um operário com baixo nível de escolarização. Os dois nasceram biologicamente iguais, ou seja, os dois têm a mesma faculdade da linguagem com as mesmas informações lingüísticas genéticas. Os dois cresceram em ambientes lingüísticos em que o português era a língua falada. Em conseqüência, os dois desenvolvem a mesma língua, a mesma competência.

Uma outra objeção que vocês podem fazer é a seguinte:

--“Sim, mas e se o estudante universitário tiver nascido em uma família rica, composta por pessoas cultas, com alto nível de escolarização, e o operário tiver crescido em uma favela, convivendo com pessoas analfabetas?”

Pois é, a diferença que esse desnível sócio-cultural-econômico causa é do nível da performance, não da competência. Ao ver da Gramática Gerativa, a competência continua sendo a mesma, tanto no caso da pessoa que convive com pessoas com alta escolarização, quanto no caso da pessoa que convive com analfabetos. Mas, vamos ver alguns exemplos, para que a Gramática Gerativa fique mais bem esclarecida.

3.1 Exemplos concretos para esclarecer o que é a Gramática Gerativa

Vamos voltar a um ponto que eu acho que ficou pendente. No início de nossa discussão sobre a teoria chomskyana, nós vimos que, para essa teoria, a língua é um sistema de princípios inscritos na mente humana. Vejam que, para Chomsky, o foco não está no signo lingüístico propriamente dito, mas nos princípios que constroem signos lingüísticos de um tipo particular, como sentenças, por exemplo. Em outras palavras, podemos dizer que, de maneira geral, a Gramática Gerativa não está interessada em questões que são centrais na teoria saussuriana, como o fato de o inglês ter dois signos diferentes para a referência do animal *carneiro* (*sheep*), e da *carne de carneiro* (*mutton*), enquanto o português tem um só. A teoria chomskyana tem o objetivo de entender a formação de signos lingüísticos construídos por operações sintáticas e, parcialmente, por operações morfológicas. Por isso, os

estudos feitos no âmbito dessa teoria focalizam, basicamente, a estrutura das sentenças, e também algumas questões relacionadas à flexão de palavras. Assim, por exemplo, a Gramática Gerativa vai procurar explicar o contraste entre português e alemão, que mostramos com as sentenças abaixo:

(10)

Hoje	eu	viajo	para	Berlim.
	SUJEITO	VERBO		

(11)

Heute	fahre	ich	nach	Berlin.
hoje	viajo(de carro)	eu	em direção	Berlim
			a	
	VERBO	SUJEITO		

‘Hoje eu viajo para Berlim.’

A questão é: por que uma língua como o português constrói sentenças preferencialmente com o sujeito na frente do verbo, independentemente de haver uma outra palavra antes do sujeito, como *hoje*, na sentença (10), enquanto o alemão precisa necessariamente ter o verbo na segunda posição da sentença, o que às vezes força o sujeito a aparecer depois do verbo, como na sentença (11)?

No que diz respeito à flexão de certas palavras, a Gramática Gerativa se interessa, por exemplo, por questões como a levantada pelo contraste entre português e inglês, mostrado abaixo:

(12)

o+s	menino+s	inteligente+s
artigo+PLURAL	substantivo+PLURAL	adjetivo+PLURAL

(13)

the	intelligent	boy+s
o	inteligente	meninos
artigo	adjetivo	substantivo+PLURAL

‘os meninos inteligentes’

Os exemplos (12) e (13) mostram o que chamamos de sintagmas nominais. Sintagmas nominais são constituintes da sentença que englobam o substantivo (ou nome), os artigos, pronomes demonstrativos, pronomes indefinidos e os adjetivos que estão associados a ele. Nos exemplos, temos o sintagma nominal *os meninos inteligentes*, do português, e o sintagma nominal equivalente do inglês, *the intelligent boys*. Vejam que, em português, a flexão de plural se aplica tanto ao substantivo, quanto ao artigo e ao adjetivo que formam o sintagma nominal. Em inglês, diferentemente, a flexão de plural só se aplica ao substantivo. O artigo e o adjetivo não são flexionados.

Uma outra questão que interessa à Gramática Gerativa é a seguinte. Em português, nossas sentenças interrogativas construídas com pronomes interrogativos (como *quem*, *o que*, *quando*) podem ser de dois tipos: ou o

pronome interrogativo aparece no início da sentença, como em (14) e (15), ou ele aparece em sua posição de origem, como em (16) e (17).

- (14) Quem o João viu ontem?
 (15) O que você fez no fim-de-semana?
 (16) O João viu quem ontem?
 (17) Você fez o quê no fim-de-semana?

Em inglês, não é possível construir-se sentenças interrogativas sem o pronome interrogativo aparecer no início da sentença. Em outras palavras, inglês só tem a opção de construir sentenças interrogativas semelhantes às sentenças (14) e (15) do português. A pergunta que a Gramática Gerativa faz é: por que o português tem duas opções de fazer sentenças interrogativas, e o inglês tem uma só?

Vejam que interessante. Todas essas questões apresentadas, comparando o português com outras línguas orais, são aplicáveis também ao contraste que devemos fazer entre a gramática das línguas orais e das línguas de sinais. Por exemplo, uma questão recorrente na literatura sintática das línguas de sinais diz respeito à ordem das sentenças dessas línguas. A maioria dos autores tem concordado que a ordem básica das sentenças, pelo menos da ASL e da libras, é SUJEITO - VERBO - OBJETO. Mas, sendo assim, é preciso explicar o que acontece com sentenças em que o objeto aparece na frente do sujeito, por exemplo, como em (18):

- (18)

LIVRO	PEDRO	COMPRAR	ONTEM.
Objeto	Sujeito	Verbo	

A pista para a explicação para a ordem dos constituintes da sentença (18) parece estar na marca não-manual que acompanha a sinalização de LIVRO. Infelizmente, não podemos nos estender sobre esse assunto aqui. Vocês vão ver isso melhor quando cursarem a disciplina denominada Sintaxe.

A questão da flexão dos constituintes internos ao sintagma nominal também é de interesse para o estudo das línguas de sinais. Até onde se saiba, de maneira geral, as línguas de sinais não têm marca de flexão de plural nos nomes e nos adjetivos. Mas, o fato de uma língua não ter uma marca de flexão não significa que ela não tenha o conceito associado àquela marca. Em outras palavras, o fato de que as línguas de sinais não têm um morfema de plural -s, que nós temos em português, não significa necessariamente que essas línguas não têm outras estratégias para diferenciar singular de plural. A pergunta que a Gramática Gerativa se faz é: quais são essas outras estratégias e como é que elas operam?

O último conjunto de sentenças apresentado acima também é relevante para o estudo das línguas de sinais. Vejam que, enquanto o português do Brasil aceita tanto o pronome interrogativo no início da sentença (ver exemplos (14) e (15)), como em sua posição original no interior da sentença (ver exemplo (16) e (17)), o inglês só aceita esses pronomes no início da sentença. A língua

de sinais brasileira, pelo que mostram alguns trabalhos recentes, parece preferir um outro padrão: ou o pronome interrogativo aparece em sua posição original no interior da sentença, como em (19), ou o pronome interrogativo aparece duas vezes, uma no início da sentença, outra no final da sentença, como em (20):

(19) JOÃO COMPRAR O QUÊ

(20) QUEM COMPRAR CARRO QUEM

No curso de Sintaxe e Morfologia, vocês vão estudar algumas propostas de explicação que são fornecidas para esses fenômenos das línguas de sinais. Por enquanto, vocês devem ver esses exemplos apenas como uma ilustração das questões que são feitas no âmbito da Gramática Gerativa.

A QUESTÃO DA AQUISIÇÃO DE LÍNGUA MATERNA

A questão da aquisição de língua materna, ou seja, a questão de saber como a gramática se desenvolve na mente de um falante, é o ponto central da teoria chomskyana. É bom ressaltar, no entanto, que essa questão não é exclusiva da teoria chomskyana. Trata-se de um problema que vem sendo debatido ao longo de toda a história do pensamento filosófico e lingüístico ocidental.

De maneira bastante simplificada, podemos dizer que esse debate apresenta duas posições extremas: de um lado, estão aqueles que acreditam que a língua é um objeto externo à mente humana; de outro, estão aqueles que, como Chomsky, consideram que a língua é um objeto mental. Para os primeiros, um falante chega ao conhecimento de sua língua por meio de um sistema de aprendizagem, que envolve processos de observação, memorização, associação, etc. Para Chomsky e seus seguidores, diferentemente, os seres humanos nascem dotados de um conjunto de estruturas lingüísticas mentais altamente abstratas e geneticamente determinadas, que funcionam como uma mapa, orientando o processo de aquisição de língua pela criança. Como já vimos, esse conjunto de estruturas mentais que são parte de nossa dotação genética se chama gramática universal. Vejam que esse nome se deve ao fato de que esse conjunto de estruturas lingüísticas mentais é concebido como sendo geneticamente determinado. Se essas estruturas são geneticamente determinadas, e se o conjunto de todos os humanos, sejam eles brasileiros, japoneses, alemães, surdos ou ouvintes, constitui uma única espécie, então, esse conjunto de estruturas tem que se universal.

Vocês devem estar aflitos, querendo saber o que é exatamente essa gramática universal. Bem, o que eu posso dizer para vocês, neste curso, é que a Gramática Gerativa tem feito muitos avanços no sentido de estabelecer o que é esse conhecimento lingüístico inato. Basicamente, trata-se de um conjunto de princípios muito abstratos, que só ficam claros quando se conhece bem a teoria. Se vocês, um dia, depois de terem estudado bastante lingüística,

resolverem aprofundar seu conhecimento sobre a Gramática Gerativa, vocês vão entender melhor essa questão. Em um curso de Introdução aos Estudos Lingüísticos, explicitar os princípios que são parte da gramática universal é algo que traz um peso desnecessário ao curso.

Mas vamos seguir os passos daqueles que trabalham no âmbito da Gramática Gerativa, e assumir que a gramática universal existe. Se todos nascemos com esse conhecimento que é universal, por que é que não falamos todos uma única língua?

A Gramática Gerativa assume que, além da gramática universal, o ambiente em que a criança cresce tem um papel fundamental na aquisição. Apesar de já nascer com a gramática universal, uma criança que for privada de um ambiente lingüístico não vai desenvolver língua nenhuma. É preciso não só que haja pessoas usando língua à sua volta, mas também que a criança tenha acesso a essa língua. Vejam que o que acontece, infelizmente, com muitas crianças surdas que nascem em famílias ouvintes é que, embora elas cresçam em um ambiente lingüístico, elas não têm acesso à língua que está à volta delas, porque não ouvem. É por isso que é tão importante que famílias ouvintes que tenham crianças surdas imediatamente aprendam língua de sinais, e imediatamente providenciem o contacto de suas crianças surdas com outros surdos. Sem isso, essas crianças não têm como adquirir uma língua naturalmente.

Mas, voltemos à questão do ambiente lingüístico. O que Chomsky afirma é que, apesar de todos começarmos com um mesmo conhecimento lingüístico, que é a gramática universal, esse conhecimento vai se desenvolver de maneira diferente, caso vivamos em um ambiente em que se fale o português, o alemão, ou alguma língua de sinais. É da interação da gramática universal com o ambiente lingüístico que se desenvolvem as gramáticas dos falantes do português, do alemão, ou de qualquer língua de sinais.

Vamos explorar um pouco mais a questão da interação entre o ambiente lingüístico e a gramática universal, no processo de aquisição. O problema central da aquisição, segundo Chomsky, é o que se chama *problema de Platão*: como é que um falante adulto tem um conhecimento tão complexo e rico sobre sua língua, se os dados a que ele é exposto em seu ambiente lingüístico são tão pobres?

Vocês, certamente, querem perguntar:

--“O que a Gramática Gerativa quer dizer quando afirma que os dados do ambiente lingüístico são pobres? Será que tem alguma coisa a ver com a classe social a que uma determinada criança pertence?”

Não. Para Chomsky, os dados lingüísticos a que qualquer criança é exposta durante o período de aquisição são sempre pobres, independentemente do grupo social com o qual ela convive. Pessoas cultas e pessoas ignorantes, pessoas ricas e pessoas pobres, todas são expostas a dados lingüísticos insuficientes para explicar todo o conhecimento lingüístico que elas têm de sua língua. Em outras palavras, todos nós, milionários ou

mendigos, universitários ou analfabetos, sabemos muito mais sobre nossa língua, do que aquilo que podemos observar em nosso ambiente lingüístico. Existem propriedades de nossas línguas que nós conhecemos, mas que, de maneira geral, podemos apostar que não fazem parte dos dados lingüísticos a que somos expostos. Também, temos muito mais informações sobre nossa língua do que aprendemos na escola. Se o ambiente lingüístico em que crescemos não nos fornece essas informações, e se a escola não nos ensina toda a gramática de nossa língua, como é que chegamos a ter esse conhecimento tão amplo e complexo dela?

Para Chomsky, a única solução para o problema de Platão é a de se assumir que a mente da criança, equipada com a gramática universal, guia a criança no processo de aquisição, de um modo restrito e determinado, fazendo-a chegar a uma gramática maior e mais complexa do que os dados a que ela é exposta deixam transparecer.

Essa gramática final ou adulta, que é o conhecimento lingüístico de um falante de uma determinada língua, não só envolve informações a respeito do que é possível nessa língua, mas também a respeito do que não é possível. Ou seja, a criança desenvolve, também, um conhecimento sobre o que não é aceitável em sua língua. A questão que se coloca, então, é: como é que a criança desenvolve esse conhecimento negativo (aquilo que não é possível), quando ela é exposta somente a dados positivos (aquilo que é possível)? Para Chomsky e seus seguidores, apenas um mecanismo inato, extremamente complexo e abstrato, como a gramática universal, pode explicar o desenvolvimento desse tipo de conhecimento lingüístico.

Vamos passar agora a ver como essas idéias se integram em um modelo teórico. Ao longo de sua história, a Gramática Gerativa tem sempre sido revista, de maneira a incorporar os novos achados, e adaptar o modelo teórico aos avanços sugeridos pelas descrições de mais e mais línguas e pelas investigações sobre a aquisição de língua materna. A versão mais recente da Gramática Gerativa é chamada de Modelo de Princípios e Parâmetros.

3.2 O modelo de princípios e parâmetros

Esse modelo teve início no início dos anos 80, e vem sendo revisto desde meados dos anos 90. Esse modelo contribui com duas grandes inovações. Primeiro, propõe a divisão da gramática em módulos, cada um com sua própria organização, mas todos interagindo entre si. Segundo, a gramática universal deve ser composta de dois tipos de princípios: alguns que são rígidos e invariáveis, e que são incorporados por todas as línguas; outros que são abertos, oferecendo em geral duas possibilidades de valores, que vão ser fixados ao longo do processo de aquisição, com base na informação obtida por meio do ambiente lingüístico em que a criança se desenvolve. Esses princípios abertos são chamados *parâmetros*. Daí o nome do modelo de *princípios e parâmetros*. De acordo com esse modelo, a aquisição de língua materna consiste em: (i) aprender as formas lexicais da língua, e (ii) atribuir ao parâmetros o valor que eles têm nessa determinada língua. Vejam que a gramática universal continua liderando o processo de aquisição e o desenvolvimento do conhecimento lingüístico. Apesar de os parâmetros serem

abertos, eles constituem a única opção possível de variação entre as línguas, no que diz respeito às suas estruturas gramaticais. Além disso, os parâmetros são em número bastante restrito, e, por hipótese, têm apenas dois valores possíveis.

Um exemplo de princípio rígido, que se aplica universalmente a todas as línguas, é o princípio que determina que a estrutura das sentenças de todas as línguas naturais não é linear, mas sim, hierárquica. Ou seja, no nível da sentença, algumas relações entre constituintes são estabelecidas porque um constituinte está em uma posição hierárquica superior à de outro, e não porque ele está do lado do outro. Vamos pensar em uma sentença como (21):

(21) A amiga da irmã do João casou.

Quem é que casou? O João? A irmã do João? Ou a amiga da irmã do João? Certamente que vocês todos responderiam que foi a amiga da irmã do João que casou. Vejam, então, que o verbo *casar*, na sentença (21), não se aplica ao substantivo que está mais próximo dele, que é *João*. Ele se aplica a um constituinte nominal que está em uma posição mais alta de uma estrutura hierárquica, que é *amiga*. Quando vocês fizerem a disciplina de Sintaxe, vocês vão entender essa estrutura hierárquica melhor.

Um exemplo de parâmetro que é muito discutido, tanto nos estudos sobre o português brasileiro, quanto sobre as línguas de sinais em geral, é o que se chama parâmetro do sujeito nulo.

A Gramática Gerativa afirma que um dos princípios que compõem a gramática universal é aquele que determina que toda sentença das línguas humanas tenha uma posição de sujeito. Vocês devem estar achando isso estranho, e querendo perguntar:

--“Como é que todas as sentenças de todas as línguas humanas têm que ter um sujeito? Na língua de sinais brasileira, e no português, nem sempre as sentenças têm sujeito!”

Vocês têm razão. Nas aulas de português, todos aprendemos que o português pode ter aquilo que chamamos de sujeito oculto, como em uma sentença como (22), ou aquilo que chamamos de sujeito indeterminado, como em (23):

(22) \emptyset chegamos atrasados na escola.

(23) \emptyset roubaram o carro do meu vizinho.

O símbolo \emptyset representa o sujeito oculto *nós*, em (22), e o sujeito indeterminado em (23). Nós ainda temos aquilo que é chamado de sentença impessoal, ou sentença sem sujeito, como mostram os exemplos (24) e (25):

(24) Choveu muito ontem.

(25) Tinha muita gente na festa.

Mas, para a Gramática Gerativa, todas essas sentenças têm uma posição de sujeito. O que acontece é que, em algumas línguas, como o português, o italiano, o espanhol, o chinês, e várias línguas de sinais, essa posição de sujeito não precisa ser foneticamente preenchida.

--“O que significa dizer que a posição não precisa ser foneticamente preenchida?”, vocês perguntam.

Significa que, nas línguas mencionadas, não é necessário que pronunciemos ou sinalizemos um substantivo ou um pronome para preencher essa posição. Em inglês e em francês, por exemplo, não é possível haver uma sentença sem um sujeito foneticamente realizado. Vejam os exemplos do inglês abaixo:

(26)

We	arrived	late.
Nós	chegam	atrasados.
	os	

(27)

*∅	arrived	late.
∅	chegam	atrasados.
	os	

(28)

It	rained	a lot.
	choveu	muito

(29)

*∅	rained	a lot.
∅	choveu	muito

Notem que, em inglês, não é possível deixar a posição de sujeito vazia, mesmo em sentenças com verbos impessoais como *rain* (*chover*).

Para a Gramática Gerativa, o que acontece é que apesar de a gramática universal ter um princípio que determina que todas as sentenças de todas as línguas tenham uma posição de sujeito, o preenchimento fonético dessa posição é um parâmetro: algumas línguas têm que sempre preencher essa posição, outras não precisam preencher sempre.

Em outras palavras, a gramática universal põe à disposição da criança um parâmetro com duas posições possíveis: a realização fonética obrigatória, ou a realização fonética opcional do sujeito. Durante o processo de aquisição da língua, a criança vai fixar esse parâmetro, em uma ou outra posição, dependendo dos dados lingüísticos a que ela é exposta durante esse período. Assim, uma criança que cresça em um ambiente em que se fala português não vai ter dificuldades de fixar o parâmetro da sua língua na posição que diz que a realização fonética do sujeito é opcional, na medida em que ela sempre encontra dados como os que mostram os exemplos entre (22) e (25). O mesmo vai acontecer com uma criança que cresça em um ambiente em que a

língua de sinais brasileira é usada. Tanto quanto o português, essa língua é fixada para a posição em que a realização fonética do sujeito é opcional.

Com certeza, vocês vão aprender mais sobre essas questões nas aulas da disciplina de Sintaxe e de Aquisição de Língua. Por enquanto, podemos ficar por aqui. Nós vimos que, diferentemente de Saussure, Chomsky define a língua como um objeto puramente mental, que é parte da dotação genética da espécie humana, que se desenvolve ao longo do processo de aquisição pelo contacto que a criança tem com os dados de uma língua particular. O objetivo da Gramática Gerativa é descrever as línguas com vistas a estabelecer o que é a gramática universal, e a entender como é que, a partir da gramática universal, os falantes chegam à gramática de suas línguas.

Vocês podem querer fazer uma última pergunta, que é a seguinte:

--“Mas como é que Chomsky explica a relação entre significante e significado, como é que ele explica que cada grupo social faz um recorte da massa amorfa do pensamento e da massa amorfa fônica, criando signos que são diferentes entre as línguas?”

Chomsky não explica isso. Essas questões não são parte do programa de pesquisa traçado por ele. Isso não quer dizer que essas questões não sejam interessantes, e que Chomsky e seus seguidores não dão importância a elas. O que acontece é que, como já vimos no início do nosso curso, cada teoria privilegia uma parte de seu objeto de estudo, deixando, necessariamente, outras partes de lado. De maneira geral, a Gramática Gerativa não se preocupa com questões de significado, especialmente no nível do léxico. Sua atenção está voltada para questões estruturais da sentença, ou seja, para a sintaxe.

Uma outra pergunta que deve estar passando pela cabeça de vocês é a seguinte:

--“Se, para Chomsky, língua é esse conhecimento que trazemos como parte de nossa dotação genética, que se desenvolve ao longo do processo de aquisição, e se, basicamente, esse conhecimento diz respeito a questões sintáticas, o que fazer com o resto? Ou seja, será que questões relacionadas ao significado e ao discurso não são parte da língua?”

Essa é uma pergunta interessante, que tem sido feita por muitos outros lingüistas que se opõem a Chomsky. Para esses outros lingüistas, chamar de *língua* só esse conhecimento que se desenvolve a partir da gramática universal é muito pouco. Afinal, o que nós percebemos é que existem muitos fenômenos associados à língua que não são estruturais ou sintáticos. Será que isso não é língua? Sim, sem dúvida que é. Mas esses fenômenos não são parte dessa pequena porção de língua que é inata, e que é o foco central dos estudos em Gramática Gerativa.

A seguir, vamos passar a ver alguns aspectos dos níveis de análise lingüística.

Unidade 4: **Lingüística geral: Fonética, Fonologia e Morfologia**

Até o momento, em nossa disciplina “Introdução aos Estudos Lingüísticos”, vimos o que é lingüística, e vimos duas visões sobre o que é a língua humana. Essas duas grandes visões se opõem uma à outra, mas são ambas muito influentes. Neste ponto que estamos iniciando agora, vamos fazer um panorama geral dos níveis de análise em que são feitos os estudos lingüísticos, procurando, tanto quanto possível, tratar dos fatos da língua de uma maneira que seja aceita por todas as teorias. Ao longo do curso, vocês vão ter disciplinas especiais para tratar de cada um desses níveis de análise separadamente, em mais detalhes.

4.1 Fonética e Fonologia

Vocês devem se lembrar das aulas em que discutimos a noção de significante e significado para Saussure, não é? Mesmo assim, vamos rever a maneira como Saussure concebe o signo lingüístico, que é a menor unidade lingüística que contém um significante e um significado. Lembrem-se de que, para Saussure, significado e significante são duas unidades inseparáveis. Juntas, elas constituem o signo lingüístico.

O significado é um conceito, uma representação mental que temos de um objeto, de um evento, de uma sensação. O significante é uma representação mental acústica (no caso das línguas orais) ou ótica (no caso das línguas de sinais). Como já dissemos antes, é preciso entender essa representação mental acústica ou ótica não como a realização física dos sons ou dos gestos da fala, mas como algo que é tão conceitual quanto o significado. Para facilitar o entendimento, podemos pensar nessa representação mental acústica ou ótica como os sons ou sinais que fazemos em nossa cabeça quando pensamos. Esses sons e esses sinais não são realizados de fato. Eles não são exteriorizados. Eles se mantêm em nossas cabeças apenas como representações mentais de sons ou de sinais.

Significante e significado são constituídos, ao mesmo tempo, a partir de duas massas amorfas: a massa amorfa fônica, ou gestual, e a massa amorfa do pensamento. Neste momento do curso, vamos nos concentrar na massa amorfa fônica ou gestual e em sua formatação, que tem como resultado a constituição do significante de um signo lingüístico.

A massa amorfa fônica ou gestual constitui-se de todos os sons ou gestos que o ser humano é capaz de produzir. A partir dessa substância de sons e gestos, a língua faz uma formatação, impondo divisões convencionais que resultam nos conjuntos de sons ou gestos que são particulares a cada uma das línguas.

Pois bem, a fonética é a área da lingüística que se ocupa da descrição e análise da massa amorfa fônica ou gestual. E a fonologia é a área de lingüística que se ocupa da descrição e análise dos significantes de cada língua, ou seja, da porção que cada língua formatou a partir da massa amorfa fônica ou gestual. A seguir, vamos ver em mais detalhes o que cada uma dessas áreas estuda, lembrando sempre que, nos semestres seguintes, vocês vão ter uma disciplina exclusiva para tratar dessas duas áreas. Mas, antes disso, vamos tratar de uma pergunta que vocês devem estar querendo me fazer:

--“As línguas de sinais não são línguas sonoras. Como é, então, que pode se falar de uma fonética e de uma fonologia de línguas de sinais?”

Pois é. À primeira vista, isso parece um pouco estranho. O que acontece é que os termos *fonética* e *fonologia* foram criados a partir dos primeiros estudos feitos sobre as línguas orais. Como, nessas línguas, os significantes dos signos são, de maneira geral, representações mentais de *sons*, a área que estuda a substância ou massa amorfa de onde vêm esses significantes, e a área que estuda os próprios significantes, receberam um nome formado a partir da raiz grega *fon*, que significa *som*.

No caso das línguas de sinais, William Stokoe tentou chamar o estudo dos significantes dos sinais de *quirologia*, que é uma palavra formada a partir da raiz grega *quir*, que significa *mão*. Entretanto, esse nome não “pegou”, ou seja, a comunidade de lingüistas que estudam as línguas de sinais, tanto surdos quanto ouvintes, continua a usar os termos *fonética* e *fonologia* para tratar dos significantes das línguas de sinais.

--“Será que isso não tem importância?”, vocês podem me perguntar.

Não, mas só se ficar muito claro que a *fonética* estuda uma substância que é constituída de sons e gestos, e que a *fonologia* estuda significantes que são representações mentais acústicas e óticas. De maneira geral, esse é o entendimento que se tem hoje no âmbito dos estudos lingüísticos das línguas de sinais.

Passemos, agora, a entender melhor do que trata a *fonética*. A fonética tem por objetivo o estudo das características físicas dos sons das línguas orais e dos gestos corporais das línguas de sinais. Em outras palavras, a fonética se interessa pela caracterização dos sons e dos gestos, em seus aspectos articulatórios e acústicos/óticos. Vejam que a fonética tem a preocupação de descrever e analisar a massa amorfa fônica/gestual, ou seja, os sons/gestos das línguas, independentemente do valor que eles têm dentro de uma língua particular. Primeiramente, vamos tratar de algumas questões com que a fonética trabalha na análise das línguas orais. Do ponto de vista articulatório, ou seja, do ponto de vista da maneira como os sons das línguas orais são produzidos, uma questão central da fonética é entender o funcionamento do sistema respiratório da produção dos sons. A produção dos sons da fala sempre envolve o movimento de uma corrente de ar. A maioria dos sons das línguas orais é produzida pela expulsão do ar dos pulmões, pela boca ou pelo nariz. Esses sons são chamados *egressivos*. Algumas poucas línguas

produzem sons quando a corrente de ar entra no pulmão. Esses sons são chamados *ingressivos*. O português não faz uso de sons ingressivos.

Na passagem do ar pela glote, que é uma parte de nossa faringe, as nossas cordas vocais podem ou não vibrar. Se as cordas estão separadas, o ar passa livremente por elas, não causando nenhuma vibração. Nesse caso, os sons produzidos são chamados *desvozeados*. Por outro lado, se as cordas vocais estão próximas umas das outras, quando o ar passa por elas, elas vibram. Nesse caso, os sons produzidos são chamados *vozeados*. Por exemplo, vamos pensar nos sons [p], [t], [k], do português, como no início das palavras *pato*, *teto* e *casa*. Esses sons são produzidos sem a vibração das cordas vocais. Se pusermos nossa mão sobre nossa garganta enquanto produzimos esses sons, vamos sentir que nossas cordas não estão se movendo. Agora, vamos contrastar esses sons com os sons [b], [d], [g], como no início das palavras *bode*, *dado* e *gato*. Colocando nossa mão sobre nossa garganta enquanto produzimos esses sons, sentimos que nossas cordas estão vibrando. Façam o mesmo teste com os sons [s], como no início da palavra *sapo*, e [z], como no início da palavra *zebra*. Vocês vão perceber que, para produzir [s], não vibramos nossas cordas vocais, mas para produzir [z], elas precisam vibrar. Desse modo, o [s] é considerado um som desvozeado, enquanto o [z] é considerado um som vozeado. Se vocês não puderem produzir esses sons, peçam para um colega falante de português produzi-los e coloquem a mão sobre a garganta dele para vocês poderem sentir o vozeamento ou o não-vozeamento de certos sons do português. Mas atenção! Quando vocês forem fazer isso, tentem pronunciar só os sons mencionados acima, sem que eles tenham o apoio de uma vogal, ou seja, não vale dizer [pe], [te], [ke], [se]. Sabem por que? Porque as vogais são sempre vozeadas, ou seja, sua produção sempre envolve a vibração das cordas vocais. Existe um grande número de vogais nas línguas orais. O português tem as seguintes vogais: [ɐ], como em *ato*; [ɐ̃], como em *estranho*; [ẽ], como em *ela*; [ɨ], como em *isto*; [ɔ̃], como em *ostra*; [ɔ̃], como em *ópera*, e [ũ], como em *uva*. Essas vogais têm articulações um pouco diferentes quando são produzidas com a liberação da corrente de ar pelo nariz. Nesses casos, temos as vogais nasais, como o som final da palavra *anã*, ou os dois últimos sons da palavra *pão* ou *põe*. As vogais do português também têm uma articulação diferente se elas são átonas, ou seja, se elas não são as vogais sobre as quais está o acento da palavra. Por exemplo, em uma palavra como *esta*, de uma expressão como *esta cadeira*, o acento recai sobre a primeira sílaba da palavra, ou seja [es]. Em uma palavra como *está*, 3ª pessoa do singular do presente do verbo *estar*, o acento recai sobre a última sílaba da palavra, ou seja [ta]. A vogal final da palavra *esta* e da palavra *está* são articulatoriamente diferentes, na medida em que a primeira não é acentuada, e a segunda é.

Neste momento, vocês podem estar querendo fazer a seguinte pergunta:

--“Por que é que os sons das línguas orais são divididos em dois grupos, um de consoantes, outro de vogais?”

Na realidade, consoantes e vogais não devem ser entendidas como dois grupos de sons totalmente separados e autônomos. O que acontece é que, no que diz respeito à passagem do ar, os sons podem ser organizados em um

contínuo, que vai dos sons produzidos com uma grande obstrução da passagem de ar, até aqueles que são produzidos com uma passagem mais livre do ar. As consoantes são os sons produzidos com maior obstrução; as vogais são os sons produzidos com uma menor obstrução. Assim, por exemplo, [p], [b], [t], [d], [k], [g] são sons produzidos com o mais alto grau de obstrução na passagem do ar; as vogais [a], [], [ɪ], [ɘ], [] são sons produzidos com pouquíssima obstrução da passagem de ar. Entre esses dois grupos, existe uma gradação entre os sons, relativamente à obstrução da passagem do ar. Daqueles que são tradicionalmente considerados consoantes, o [l], de uma palavra como *lobo*, e o [r] (e todas as suas variantes regionais), como na palavra *roda*, são os sons que são produzidos com o menor grau de obstrução. Dentre as vogais, o [i] e o [u] são as que sofrem a maior obstrução.

Outra pergunta que vocês podem estar com vontade de fazer é a seguinte:

--“Todos os sons nasais são vogais?”

Não. Existem várias consoantes nasais. Em português, nós temos três: o [m], como em *moda*; o [n], como em *nadar*; e o som nasal palatal [ɲ], normalmente grafado com -nh, que aparece no início da segunda sílaba da palavra *senha*.

E, agora, vocês devem estar curiosos para saber o que é um som palatal, não estão? Nós já tínhamos falado de sons palatais quando estávamos estudando a teoria de Saussure e tratamos de mudanças na língua. O que acontece é o seguinte. Toda consoante é caracterizada não só por suas qualidades de vozeamento ou não-vozeamento, e por ser oral ou nasal. Elas também são caracterizadas pelo ponto de articulação e pelo modo de articulação. As consoantes [p], [b], [m], por exemplo, são articuladas com o fechamento dos lábios. Por isso, elas são chamadas *bilabiais*. Os lábios são, então, o ponto de articulação dessas consoantes. No que diz respeito ao modo de articulação, elas são *oclusivas* ou *plosivas*. Sons oclusivos ou plosivos são aqueles que são produzidos com a obstrução completa da passagem de ar. Um som como o [ɲ], da palavra *senha*, ou como [λ], da palavra *palha*, são articulados quando o centro da língua sobe e encosta no céu-da-boca, ou palato. Por isso, são chamados de sons palatais.

Quando vocês fizerem a disciplina intitulada Fonética e Fonologia, vocês vão estudar todos os pontos e modos de articulação das consoantes e vogais. Por isso, não vou avançar mais sobre esse assunto, neste momento.

Vamos, agora, voltar para aquela idéia de que o signo lingüístico é como uma moeda que tem duas faces: o significante e o significado. Nós vimos que significante e significado se constituem a partir de duas grandes massas amorfas: a massa amorfa fônica/gestual, e a massa amorfa do pensamento. No início deste ponto, vimos que a fonética é a área da lingüística que se ocupa da descrição e análise da massa amorfa fônica ou gestual. E a fonologia é a área de lingüística que se ocupa da descrição e análise dos

significantes de cada língua, ou seja, da porção que cada língua formatou a partir da massa amorfa fônica ou gestual.

Na fonética, nós estudamos os sons e os gestos das línguas humanas em seus aspectos físicos. Na fonologia, nós estudamos o caráter propriamente lingüístico desses sons ou gestos. Isso significa que, ao estudarmos fonologia, passamos a analisar os sons ou gestos em termos das relações que eles estabelecem entre si, e dos valores que eles têm dentro de um determinado sistema lingüístico. Nós vimos que, em português, nós temos os sons [p], [b], [t], [d], [k], [g]. Mas nós ainda não sabemos como funcionam esses sons no sistema do português. Nós não sabemos se, na língua portuguesa, eles têm algum valor, no sentido saussuriano. Um som tem valor no sistema de uma língua se ele é capaz de distinguir significados. Se trocarmos um som por outro dentro de um mesmo contexto e se, com isso, mudarmos o significado de um signo, vamos estar diante de um som que tem valor lingüístico. Esse som que tem valor lingüístico se chama *fonema*. Em português, os sons [p], [b], [t], [d], [k], [g] são fonemas. Ou seja, todos eles são capazes de distinguir significados. Tomemos, por exemplo, um signo como *pata*. Se substituirmos o fonema /p/ por /b/, obteremos o signo *bata*. Se o substituirmos por /d/, obteremos *data*. Se o substituirmos por /k/, obteremos *cata* (do verbo *catar*). Se o substituirmos por /g/, obteremos *gata*.

Esses sons que são fonemas em português podem não ser fonemas em outras línguas. Existe uma língua falada no Peru, em que a palavra que significa *ar* pode variar entre as formas [tampia] e [tambia]. Ou seja, se alguém pronunciar essa palavra com o som [p] ou com o som [b] não vai causar uma distinção de significado. A palavra que significa *feijão* pode ser pronunciada com as formas [mat▲agi] ou [mat▲aki], sem que haja distinção de significado. Se não houver, nessa língua, nenhum contexto em que [p] e [b] ou [k] e [g] distingam significados, vamos dizer que os pares [p]/[b] e [k]/[g] não constituem fonemas distintos.

Vamos ver agora um exemplo que compara o português brasileiro com o inglês. Em São Paulo, no Rio de Janeiro e em outras cidades do sudeste do país, palavras como *tia* e *dia* são pronunciadas como “tchia” e “djia”. Na grafia fonética, grafamos a pronúncia dessas duas palavras assim: [t●i●] e [d●i●]. Será que os sons [t●] e [d●] são fonemas, em português? Não, não são, na medida em que não distinguem significado. Se pronunciarmos a palavra *tiete* como [t●i↔t●↔], ou como [ti↔↔], não vamos obter dois signos diferentes. Da mesma maneira, se pronunciarmos a palavra *dividir* como [d●↔↔d●i●] ou como [d↔↔di●], não vamos obter signos diferentes. Em inglês, a situação é outra. Os sons /t/ e /t●/ distinguem significados: [tin] (*tin*), por exemplo, significa *lata*; e [t●in] (*chin*) significa *queixo*. Os sons /d/ e /d●/ também distinguem significados: [diyp] (*deep*) significa *profundo*, e [d●iyp] (*jeep*) significa *jipe*. Portanto, em inglês, /t/ e /t●/ são fonemas distintos, da mesma maneira que /d/ e /d●/ são fonemas distintos. Em português, [t] e [t●] são *alofones* do fonema /t/. Ou seja, eles são duas possibilidades diferentes de realização fonética do fonema /t/. Da mesma maneira [d] e [d●] são *alofones* do fonema /d/. Ou seja, eles são duas formas diferentes de realização fonética do fonema /d/.

No caso desses alofones do português, dizemos que eles estão em distribuição complementar. O que significa isso? Significa que um dos alofones aparece em um contexto específico, e o outro alofone aparece nos demais contextos. Vejam que [t^h] e [d^h] só aparecem diante de /i/; na frente de todos os outros sons do português, mesmo nos dialetos da região sudeste, usamos os alofones [t] e [d]. Mas, atenção. Nem todos os alofones estão em distribuição complementar. As línguas têm alofones que dizemos que estão em variação livre. Assim, por exemplo, uma palavra como *mar* pode ter seu som final pronunciado de várias maneiras: como o som retroflexo [ʁ], como fazem os caipiras; como o som [ʁ̃], como fazem os cariocas; como o som [r], como fazem os paulistanos. Como vocês vêem, apesar de esses alofones estarem em variação livre de um ponto de vista estritamente fonológico, de um ponto de vista sociolingüístico, dizemos que esses alofones são exemplos de variações regionais.

Todos esses assuntos vão ser vistos em mais detalhes quando vocês avançarem seus estudos de lingüística ao longo do curso. Vamos fazer agora um panorama da fonética e da fonologia das línguas de sinais.

A fonética-fonologia das línguas de sinais opera em dois eixos: um de linearidade, outro de simultaneidade. No eixo da linearidade, há seqüências de *suspensões* e *movimentos*. *Suspensões* ocorrem quando os sinais, ou partes deles, são realizados com a(s) mão(s) parada(s). Se vocês pensarem em um sinal como TRISTE, vocês têm um exemplo de um sinal que corresponde a uma suspensão. *Movimentos* ocorrem quando os sinais, ou partes deles, são realizados com a(s) mão(s) em movimento. Um sinal como ANDAR-DOS-ANIMAIS é um exemplo de sinal que se constitui apenas de um movimento, sem nenhuma suspensão. Outros sinais, no entanto, se caracterizam por apresentarem uma seqüência de movimentos e suspensões. Pensem em um sinal como EXEMPLO. Nesse sinal, a mão, posicionada à frente do queixo, faz um pequeno movimento até contactar o queixo. Esse contacto corresponde a uma suspensão. A seguir, a mão se afasta até a posição inicial, repete o movimento e faz o contacto com o queixo novamente. Por isso, podemos dizer que o sinal EXEMPLO constitui-se de quatro segmentos: um movimento, uma suspensão, outro movimento e outra suspensão.

No eixo vertical, cada segmento do tipo suspensão ou do tipo movimento vai ser descrito por uma série de traços que ocorrem simultaneamente. Esses traços se organizam em feixes. Se o sinal é realizado com apenas uma das mãos, todos os feixes vão se referir às características dessa mão. Se, no entanto, o sinal é realizado com duas mãos, vai haver feixes de traços dos movimentos e das suspensões para cada uma das mãos. Um desses feixes, o articulatório, compreende traços que caracterizam a configuração da mão, a orientação da palma, o local onde o sinal é realizado, se há ou não contacto com alguma parte do corpo. O feixe articulatório é importante para descrever tanto as suspensões, quanto os movimentos. Mas, quando um movimento acontece entre duas suspensões, ele “herda” alguns dos traços das suspensões. Vamos pensar em um sinal como BOM, por exemplo. Na língua de sinais brasileira, esse sinal se realiza com uma seqüência de suspensão,

movimento e suspensão. Na suspensão inicial, a mão encontra-se diante da boca do sinalizador, em uma configuração em O, com a palma voltada para dentro. A seguir, verifica-se um movimento pelo qual a mão se abre e assume a configuração em 5. Quando a mão assume essa configuração, verifica-se uma outra suspensão. Vejam o que acontece com o movimento desse sinal. Ele herda, das duas suspensões, a orientação da palma e a localização. Da primeira suspensão, ele herda a configuração da mão em O; da segunda suspensão, ele herda a configuração da mão em 5.

Outros traços que ocorrem simultaneamente a movimentos e suspensões são os traços não-manuais que são necessários para a boa formação de vários sinais. Ou seja, as línguas de sinais têm um conjunto não muito grande de sinais que se realizam não só com as mãos, mas também com configurações da face, ou, às vezes, de outras partes do corpo. O sinal GORD@, por exemplo, é realizado não só por meio do posicionamento dos braços na altura do abdômen e pelo movimento da mão dominante configurada em Y ao longo do braço não-dominante, mas também pelo inflar das bochechas, que se mantém ao longo de todo o movimento da mão.

Mas, atenção. Aqui estamos tratando apenas de marcas não-manuais que dizem respeito à realização de certos sinais. Existem marcas não-manuais que não são traços fonético-fonológicos dos sinais, mas sim marcas sintáticas. Nós vamos tratar disso mais adiante, quando fizermos um panorama do que é sintaxe.

Os movimentos e suspensões, por meio dos traços que os compõem, podem ser distintivos de significado. Ou seja, seguindo o modelo de Saussure, podemos dizer que eles têm valor dentro do sistema. Nesse caso, dizemos que eles têm estatuto fonológico, o seja, eles se comportam como os fonemas das línguas orais. Comparem os sinais APRENDER e SÁBADO da língua de sinais brasileira. Eles têm quase todas as características iguais, mas diferenciam-se pelo traço relacionado ao local em que cada um deles se realiza: APRENDER é sinalizado na altura da testa e SÁBADO é sinalizado na altura da boca. Agora, comparem o sinal de FRANÇA, com o sinal de FACULDADE. Ambos se realizam no mesmo local e têm a mesma configuração de mão em F. Mas eles se distiguem no que diz respeito à caracterização dos movimentos que realizam: enquanto FRANÇA se caracteriza por uma seqüência de um movimento curto da mão para fora e de uma suspensão, FACULDADE se caracteriza por ser uma suspensão em que a mão faz movimentos locais circulares para dentro.

Comparem, ainda, os sinais de CONHECER e EXEMPLO. Como nos outros casos, eles têm muitos traços em comum: ambos se realizam por um pequeno movimento e por um contacto no queixo, que se repetem. A orientação da palma também é a mesma nos dois sinais, mas eles se diferenciam pela configuração de mão: em CONHECER, a configuração de mão é em B, e, em EXEMPLO, a configuração é em Y. Agora, vejam como os sinais não-manuais também podem ser distintivos de significado. Comparem os sinais EXEMPLO e FICAR (no sentido de namorar alguém em uma festa).

A única diferença entre eles está no fato de que FICAR tem uma marca não-manual que se realiza com os dentes superiores tocando o lábio inferior.

Vejam então que, tanto quanto nas línguas orais, os significantes lingüísticos nas línguas de sinais têm elementos mínimos que distinguem significado, formando pares como os apresentados acima. Esses pares são chamados *pares mínimos*, e são sempre usados justamente para exemplificar essas unidades que distinguem significados. Também, da mesma maneira que nas línguas orais, o significante das línguas de sinais se organiza linearmente e simultaneamente. Nas línguas orais, os fonemas formam uma seqüência linear, e cada fonema é formado de um conjunto de traços simultâneos, como ser consonantal ou ser vocálico, ser vozeado ou desvozeado, ser nasal ou não, ser oclusivo ou não, etc. Nas línguas de sinais, os segmentos também se organizam linearmente, e cada um deles é formado de um conjunto de traços simultâneos, como ser suspensão ou movimento, ser realizado com uma ou duas mãos, ter marcas não manuais, ter contacto com o corpo ou não, ser realizado com esta ou aquela configuração de mão, etc.

Vocês devem estar querendo fazer a seguinte pergunta:

--“Será que as línguas de sinais têm alofones?”

Sim, como todas as demais línguas naturais. Um exemplo de alofonia da língua de sinais brasileira está relacionado às várias possíveis realizações de um sinal como ENTENDER: é possível realizá-lo com ou sem contacto com a lateral da testa; quando não há contacto, é possível realizá-lo ou na altura da lateral da testa, ou da lateral dos olhos, ou mesmo na altura da bochecha. Nenhuma dessas alterações de realização causa mudança de significado. Por isso, podemos considerar um caso desses como um exemplo de alofonia. Mas, vamos parar por aqui. Vocês vão ter um curso inteiro sobre fonética e fonologia de línguas orais e de sinais, e vão aprender muito mais do que essa pequena amostra que nós estamos vendo aqui. Passemos a ver o que é a morfologia das línguas naturais.

4.2 Morfologia

Tradicionalmente, diz-se que a morfologia é a área da lingüística que estuda a palavra. Em geral, de maneira intuitiva, todos nós sabemos o que é uma palavra em nossa língua. Mas, às vezes, encontramos alguns casos a respeito dos quais não temos certeza. Nós já vimos alguns exemplos disso no início de nosso curso. Será que, quando usamos a expressão *pastor alemão* para fazer referência a uma raça de cachorro, temos uma palavra ou duas? E as expressões *cão de guarda*, *cão de trabalho*, *cão de companhia*? Será que elas são, cada uma, uma única palavra, ou será que cada uma é formada de três palavras? Como vimos no início do curso, quando usamos adjetivos para qualificar expressões como essas, tendemos a colocá-los no final, e não no meio, da expressão, como mostram os exemplos abaixo:

(30) Eu tenho um pastor alemão maravilhoso.

- (31) *Eu tenho um pastor maravilhoso alemão.
(32) Pedro encontrou um cão de guarda machucado.
(33) *Pedro encontrou um cão machucado de guarda.

Mas, em alguns casos, a situação não é tão clara. Considerem, por exemplo, o caso da expressão *língua de sinais*. Nós podemos entender que a expressão *língua de sinais* é uma única palavra, e qualificá-la de *brasileira*, *americana*, *australiana*. Nesse caso, nós chamamos a língua de sinais dos surdos brasileiros de *língua de sinais brasileira*. Ou então, nós podemos entender que a expressão *língua de sinais* é formada de três palavras diferentes. Nesse caso, podemos colocar os adjetivos *brasileira*, *americana*, *australiana* logo depois da palavra *língua*, obtendo *língua brasileira de sinais*, *língua americana de sinais*, *língua australiana de sinais*.

A definição técnica do que é uma palavra fica ainda mais difícil quando consideramos algumas línguas que são chamadas *polissintéticas*. Essas línguas têm uma propriedade interessante, que é a de construir uma única palavra para aquilo que, em português, seria uma sentença. Assim, em kadiwéu, que é uma língua indígena brasileira, *jotagangetagadomitiwaji* parece ser uma palavra, mas, em português, equivale a uma sentença como *eu falo com eles por vocês*.

E como é a situação nas línguas de sinais? Será que um sinal que equivale a MELÃO em português é uma única palavra, ou será que se trata de duas palavras, que poderiam ser traduzidas por OBJETO-REDONDO e AMARELO? E o sinal que corresponde a BERINJELA? É difícil dizer. Normalmente, é preciso aplicar critérios sintáticos, semânticos e fonológicos para sabermos, com alguma precisão, se uma determinada expressão lingüística é ou não uma palavra. Mas, mesmo assim, como já dito, nem sempre podemos ter certeza absoluta. Nas línguas de sinais, a solução para esse problema está ainda mais longe, na medida em que os estudos lingüísticos sobre elas ainda estão no começo. Mas, nada impede que nós comecemos, desde já, a pensar sobre o assunto, não é?

Nosso objetivo, aqui neste curso, é o de dar uma visão geral e tradicional do que é morfologia. Então, vamos falar de noções um pouco menos controversas. Como a definição de palavra é uma questão muito complexa, podemos nos concentrar na noção de *morfema*. Morfema é o menor signo lingüístico, ou seja, uma função que une um significante a um significado. Lembrem-se de que nós vimos que *fonema* é a menor unidade lingüística que distingue significados. Mas, o fonema, ele mesmo, não tem significado. O morfema, por outro lado, é a menor unidade lingüística, que tem, ao mesmo tempo, significante e significado. Uma palavra do português como *parede*, por exemplo, é um morfema. Ela não pode ser dividida em signos menores. Ou seja, ela não pode ser dividida em unidades menores, que tenham significante e significado. Já uma palavra como *jardineiro* é composta por três morfemas: *jardin-*, *-eir-*, e *-o*. Cada um desses morfemas é um signo diferente, com um significante e um significado: *jardin-* significa um local em que crescem plantas e flores; *-eir-* significa, entre outras coisas, alguém que trabalha com um

determinado objeto ou mercadoria; e *-o* é o morfema que significa o gênero masculino. Muitas outras palavras do português são formadas de maneira semelhante: *jornaleiro*, *açougueiro*, *verdureiro*, etc. Vejam como esse tipo de formação é recorrente na língua portuguesa. Há alguns anos, nós todos passamos a ter a necessidade de um profissional especializado em computadores, tanto para montar, consertar e configurar nossas máquinas, como para desenvolver programas e construir *sites*. Não existia uma palavra em português para designar esse profissional. Imediatamente, os falantes do português criaram a palavra *computeiro*, que significa *aquele que trabalha com computadores*.

Uma definição já clássica de morfema é a de que ele é um signo recorrente, que não pode ser analisado em signos recorrentes menores. Tomemos, como exemplo, um outro morfema do português, como *-or* para ver como eles são recorrentes, ou seja, como eles se repetem na formação de várias palavras. O morfema *-or* tem seu significado associado a pessoas que realizam uma certa atividade. Com ele, são formadas palavras como *trabalhador*, *jogador*, *cantor*, *ator*, *pintor*. Um outro morfema do português é *i-*, cujo significado é associado à negação. Com ele, formamos palavras como *imoral*, *ilegal*, *irracional*, *ilógico*, *irreal*, etc.

Como é que podemos diferenciar morfemas como *parede*, de morfemas como os do tipo de *-eir-*, *-o*, *i-*, *-or*? Os primeiros, como *parede*, *mesa*, *sapato*, *camisa* e muitos outros, são chamados *morfemas livres*. Os morfemas livres não precisam de outros morfemas para constituir uma palavra. Aqueles como *-eir-*, *-o*, *i-*, *-or*, dentre muitos outros, são chamados *morfemas presos*. Os morfemas presos não podem, sozinhos, constituir uma palavra. Eles precisam sempre se juntar a outros morfemas para formar uma palavra. Em português, os morfemas presos podem ser de dois tipos: os prefixos e os sufixos. Os prefixos são os morfemas presos que se colocam na frente de um outro morfema. Exemplos de prefixo do português são *i-*, como em *ilegal*; *a-*, como em *amoral*; *des-*, como em *desfazer*; *anti-*, como em *antidepressivo*; *super-*, como em *supermercado*. Sufixos são os morfemas presos que se colocam no fim de um outro morfema, como *-or*, em *investidor*; *-ista*, como em *motorista*; *-ismo*, como em *socialismo*; *-(i)dade*, como em *irmandade*, *comunidade*. Os morfemas aos quais são afixados os prefixos e os sufixos são chamados *raiz*. Assim, nos exemplos dados, *legal*, *moral*, *fazer*, *motor*, etc. são raízes.

Os sufixos de uma língua como o português são de dois tipos: derivacionais e flexionais. Os derivacionais são chamados assim porque eles ajudam a formar uma nova palavra. Com exceção do sufixo *-o*, do gênero masculino, todos os sufixos que vimos acima são derivacionais. Os sufixos *-o*, *-a*, que estabelecem o gênero masculino ou feminino são sufixos flexionais. Também são flexionais o sufixo *-s* de plural, e todos os sufixos das conjugações verbais que estabelecem o tempo, a pessoa e o número das formas verbais. Assim, por exemplo, se tomarmos o par *menin-o/menin-a*, vemos que eles se diferenciam pela flexão de gênero: o primeiro está no gênero masculino e o segundo está no gênero feminino. Se tomarmos o par *carro/carro-s*, veremos que eles se diferenciam pela flexão de número: o

primeiro está no singular e o segundo está no plural. Agora, tomemos a conjugação de um verbo como *cantar*, como mostra a tabela abaixo:

pronome	raiz	morfema de tempo/modo/aspecto	morfema de número de pessoa
eu	cant-	-ava-	∅
tu	cant-	-ava-	-s
ele/ela	cant-	-ava-	∅
nós	cant-	-ava-	-mos
vós	cant-	-av(a)-	-eis
eles/elas	cant-	-ava-	-m

Vejam que a raiz é sempre a mesma, *cant-*. O morfema de tempo, modo, aspecto, *-ava-*, também é sempre igual para toda a conjugação e indica que se trata do pretérito imperfeito do indicativo. Notem que, na conjugação da segunda pessoa do plural (*vós*), o fonema /a/ final vai desaparecer quando o sufixo *-ava-* se juntar ao sufixo *-eis*. Os morfemas de número e pessoa indicam se a pessoa que cantava era a primeira do singular (*eu*), a segunda do singular (*tu*), a terceira do singular (*ele/ela*), e assim por diante. Notem que a primeira e a terceira do singular são iguais, e se caracterizam pela ausência de um morfema. Todas as demais têm um morfema diferente. Vejam que, em uma língua como o português, há uma redundância quando dizemos algo como em (34):

(34) Nós cantávamos muito bem.

A redundância está no fato de mencionarmos a primeira pessoa do plural duas vezes, uma no pronome *nós*, outro no sufixo *-mos* do verbo.

Mas vocês devem estar querendo pedir o seguinte esclarecimento:

--“Afim, como é que podemos saber se um morfema é derivacional ou flexional?”

Basicamente, está no fato de que os derivacionais criam novas palavras, enquanto os flexionais indicam relações gramaticais, como masculino/feminino, singular/plural, tempo verbal, concordância de pessoa e número.

Será que as línguas de sinais têm uma morfologia semelhante à das línguas como o português? Pelo que se sabe, até o momento atual, as línguas de sinais parecem ter um comportamento morfológico bastante diferente daquele de uma língua como o português, mas não totalmente diferente daquele apresentado por outras línguas orais. Por exemplo, as línguas de sinais, pelo menos as que já têm sido mais bem estudadas, não parecem ter morfemas flexionais de tempo para os verbos, nem morfemas flexionais de gênero ou número para os substantivos e adjetivos. Alguns autores pensam que os verbos direcionais das línguas de sinais apresentam flexão de pessoa. Para esses autores, a direcionalidade desses verbos, apontando as pessoas que realizam a ação e que sofrem a ação do verbo seria um tipo de morfema

de concordância de pessoa. Outros autores, no entanto, dizem que a direcionalidade desse tipo de verbo não é uma característica morfológica deles, mas uma propriedade que eles têm, como os pronomes, de apontar diretamente para as pessoas que estão envolvidas em uma conversação ou em um discurso.

No que diz respeito aos morfemas derivacionais, na ASL, foram encontrados alguns poucos exemplos de prefixação e sufixação. Na língua de sinais brasileira, um dos poucos exemplos de derivação que se pode dar com certeza é a incorporação de numeral. Assim, sinais como UMA-HORA, DUAS-HORA, TRÊS-HORA, QUATRO-HORA, ou como UMA-SEMANA, DUAS-SEMANA, etc. podem ser considerados morfológicamente complexos, na medida em que são formados de um morfema, que é o numeral, e de outro morfema, que significa hora, semana, mês, etc. Mesmo assim, não se pode dizer que se trata de prefixação ou sufixação, na medida em que os morfemas ocorrem simultaneamente.

Um outro processo morfológico que se verifica em algumas línguas orais e que também acontece nas línguas de sinais é a reduplicação. Um exemplo de reduplicação na língua de sinais brasileira se verifica pela repetição do sinal correspondente a DIA, para significar TODO-DIA.

Fora esses processos, o que se tem observado é que, de maneira geral, para criar novos sinais, as línguas de sinais se valem de um processo chamado de composição. A literatura sobre a ASL diz que essa língua contém um grande número de sinais compostos. Ao que parece, o mesmo acontece na língua de sinais brasileira. Sinais como ESCOLA, IGREJA, entre outros tantos, parecem ser sinais compostos. Entretanto, só mais estudos sobre morfologia e composição é que vão poder nos dar informações a respeito das características morfológicas dessas línguas. Quando vocês cursarem a disciplina intitulada Morfologia, vocês vão ver muitos exemplos mais, tanto de português quanto de língua de sinais, o que vai ajudar a deixar esses conceitos mais claros para vocês.

Unidade 5: Lingüística geral: Sintaxe, Semântica e Pragmática

5.1 Sintaxe

A sintaxe é a área da gramática que trata da estrutura da sentença. Como já dissemos várias vezes ao longo deste curso, a língua é uma relação simbólica que se estabelece entre duas massas amorfas: a do pensamento e a dos sons/gestos. Essa relação simbólica constrói signos. Os menores signos são os morfemas. Como nós acabamos de ver, os morfemas nos ajudam a construir novas palavras, que também são signos. A combinação de palavras pode criar também signos maiores, que são as sentenças.

Uma idéia que é fundamental para se começar a lidar com a estrutura das sentenças diz respeito à distinção que existe entre unidades lingüísticas que são autônomas, e unidades lingüísticas que são dependentes. São autônomas aquelas unidades lingüísticas que se bastam a si mesmas, sem precisar de outras unidades que ajudem a completar a conceitualização iniciada por elas. Por outro lado, unidades dependentes são aquelas que necessariamente precisam se combinar com outras unidades lingüísticas para criar uma conceitualização.

É importante fazer uma observação neste momento. Provavelmente, não existem unidades lingüísticas que sejam totalmente autônomas do ponto de vista conceitual. Isto se deve ao fato de que todo conceito expresso pelas unidades lingüísticas está encaixado dentro de outros conceitos e estabelece uma vasta rede de relações com muitos outros conceitos. Mesmo assim, não é difícil perceber que existe uma gradação de autonomia entre diversas unidades lingüísticas. Comparemos, por exemplo, expressões nominais (substantivos), de um lado, e verbos, de outro. De maneira geral, as expressões nominais são relativamente autônomas, enquanto verbos, de maneira geral, são bastante dependentes.

Pensemos no substantivo do português “*mesa*”. Todos os que conhecem a língua portuguesa entendem o conceito de *mesa*. Podemos não saber de que tipo de mesa se trata, se é grande ou pequena, se é de madeira, de vidro ou de plástico, se é de brinquedo ou de verdade. Mas, sem dúvida, sabemos o que é uma mesa. Agora, pensemos no verbo *pôr*, do português. Esse verbo expressa uma relação entre alguém que causa o movimento de um determinado objeto até um determinado local. Se não expressarmos lingüisticamente esses elementos envolvidos na relação designada pelo verbo *pôr*, não vamos ser capazes de conceitualizar um evento de “*pôr*”. Comparem os exemplos abaixo:

- (35) O João pôs os livros na estante.
 (36) *O João pôs na estante.
 (37) *O João pôs os livros.
 (38) *O João pôs.
 (39) *Pôs os livros na estante.
 (40) *Pôs os livros.
 (41) *Pôs na estante.
 (42) *Pôs.

Vejam que a única sentença que expressa uma conceitualização completa é a sentença (35). Nela, todos os participantes da relação designada pelo verbo *pôr* estão lingüisticamente expressos. Em todos os demais exemplos, um ou mais participantes da relação não estão expressos. Em conseqüência, as sentenças não nos ajudam a formar uma conceitualização completa de um evento de “*pôr*”. Por isso, essas sentenças são mal formadas.

Vocês poderiam fazer a seguinte objeção:

--“Você está dizendo que essas sentenças são mal formadas, mas, em alguns casos, várias delas são usadas por falantes do português. Por exemplo, se alguém pergunta para você se o João já pôs os livros na estante, você reponde, simplesmente, com uma sentença como (42), ‘*Pôs*’. Se essa sentença é mal formada, como é que um falante de português pode usá-la assim, tão naturalmente?”

Essa é uma ótima observação! De fato, vocês têm razão. Algumas dessas sentenças podem ser usadas em um contexto apropriado. Assim, se alguém me perguntar onde estão os livros, eu posso dar uma resposta como (36). O que eu estou querendo dizer quando digo que as sentenças entre (36) e (42) são mal formadas é que elas não podem aparecer no início de um discurso, sem que haja um contexto que possa nos ajudar a suprir as informações que não estão lingüisticamente expressas em sua estrutura. Diferentemente, a sentença (35) pode ser a primeira sentença de um discurso sem nenhum problema. Para entendê-la, nós não precisamos buscar informações em falas precedentes.

Voltemos à questão da dependência. Todas as expressões lingüísticas que designam uma relação são dependentes. Verbos e preposições são tipicamente relacionais. Essa dependência é decorrente do fato de elas designarem relações. Para que possamos conceitualizar uma determinada relação, é necessário que saibamos o quê está relacionado com o quê. Para ilustrar essa questão mais uma vez, tomemos agora o exemplo da preposição *sobre*. Essa preposição designa uma relação particular entre dois objetos, como na expressão abaixo:

- (43) o livro sobre a mesa

Podemos, então, dizer que itens que designam relações, como verbos e preposições, têm uma estrutura que prevê que outros itens lingüísticos precisam se combinar com eles, para que possamos construir um conceito

completo da relação que eles designam. Essa característica dos itens relacionais pode ser chamada de *valência* ou *estrutura argumental*. Ela determina as possibilidades combinatórias de uma determinada expressão lingüística.

É justamente a valência que está na base da distinção que as gramáticas das línguas orais fazem entre verbos intransitivos, verbos transitivos (diretos e indiretos) e verbos ditransitivos (também chamados de transitivos direto e indireto, ou bitransitivos). Um verbo intransitivo, como *sorrir*, por exemplo, pode se combinar com apenas um outro elemento para construir um conceito completo. Na sentença abaixo, esse outro elemento é realizado pelo sintagma *o bebê*:

(44) O bebê sorriu.

Verbos transitivos, como *construir*, precisam se combinar com (pelo menos) dois outros elementos para que possamos conceitualizar o evento que ele designa. Em (45), esses dois elementos são realizados pelos sintagmas *o Pedro* e *esta casa*:

(45) O Pedro construiu esta casa.

Um verbo ditransitivo, como *pôr* ou como *dar*, precisa de (pelo menos) três outros elementos para que possa construir o conceito do evento a que se refere. No exemplo abaixo, esses três elementos são realizados pelos sintagmas *a Marta*, *o bilhete*, e *o professor*:

(46) A Marta deu o bilhete para o professor.

A sintaxe se ocupa, justamente, de estudar as propriedades de combinação de certas expressões lingüísticas. São essas propriedades que determinam, em grande parte, a construção e a estruturação das sentenças de uma determinada língua.

Entretanto, a valência (ou estrutura argumental) dos itens lexicais não é o único fator que determina a estrutura das sentenças das línguas naturais. De maneira geral, as línguas colocam à disposição dos falantes, algumas ou várias possibilidades de ordenação dos itens lexicais, para que as sentenças possam expressar as mais variadas perspectivas, por meio das quais os falantes estruturam, em suas mentes, os eventos que eles observam no mundo. O que eu estou querendo dizer com isso é que cada falante, diante de um mesmo evento, pode estruturar esse evento em sua mente, de uma maneira diferente. Em conseqüência disso, as sentenças construídas por cada falante, para expressar a mesma situação real observada por todos, podem eventualmente ser diferentes. Como exemplo, imaginemos a seguinte cena: um menino chamado João está tentando abrir uma porta com uma chave, mas não consegue. Sua irmã, Marina, empresta a sua chave para ele, e ele finalmente consegue abrir a porta. Um falante do português pode expressar esse evento com a seguinte sentença:

(47) O João finalmente abriu a porta com a chave da Marina.

Outro falante, que tenha observado a mesma cena, pode expressá-la do seguinte modo:

(48) A porta foi finalmente aberta com a chave da Marina.

Um outro falante poderia optar por descrever a mesma cena com a seguinte sentença:

(49) A chave da Marina finalmente abriu a porta.

Uma outra opção seria a sentença (50):

(50) A porta finalmente abriu.

Um outro falante poderia simplesmente exclamar:

(51) Abriu a porta finalmente!

Uma língua como o português brasileiro aceita muitas outras possibilidades de construções para expressar um evento como o descrito acima. Confiram os seguintes exemplos:

(52) A porta, o João finalmente abriu com a chave da Marina.

(53) A chave da Marina, o João finalmente abriu a porta com ela.

(54) A Marina, o João finalmente abriu a porta com a chave dela.

(55) O João, ele finalmente abriu a porta com a chave da Marina.

Vejam que, em todas essas sentenças, é sempre o verbo *abrir* que está sendo usado. Sua valência, ou seja, suas propriedades combinatórias são satisfeitas: o verbo *abrir* é um verbo que exige somente a realização sintática de uma expressão lingüística que tenha como referente o objeto que sofreu a ação—no caso, *a porta*. Mas ele aceita, também, que a sentença tenha uma expressão que tenha como referente a pessoa que realizou a ação, e até o instrumento com o qual a ação foi realizada—no caso, *o João*, e *as chaves da Marina*, respectivamente. Como visto, as sentenças entre (47) e (51) refletem a opção que os falantes do português têm de expressar sintaticamente todos os participantes da ação de *abrir*, ou apenas aquele que é exigido pela valência do verbo. Notem que, quando o participante que realiza a ação do verbo não é expresso lingüisticamente na sentença, os sintagmas que têm como referente os demais participantes podem aparecer na posição anterior ao verbo. Com isso, obtém-se um determinado efeito informacional: de maneira geral, o constituinte que aparece na primeira posição da sentença é aquele cujo referente é considerado, pelo falante, como o mais importante do evento. Notem que, na sentença (51), o falante optou por não expressar lingüisticamente o participante que realiza a ação de *abrir*, e também optou por não realizar, na posição anterior ao verbo, nenhum outro constituinte. Com isso, o falante mostra que não quer privilegiar nenhum participante do evento: é o próprio evento de *abrir a porta* que ele considera a informação mais importante.

Nas sentenças entre (52) e (55), mesmo quando não há a omissão de alguns participantes do evento cuja expressão na sintaxe é opcional, existe uma grande variedade de ordenações de constituintes. Nas sentenças entre (52) e (55), o participante que realiza a ação de *abrir a porta* é expresso lingüisticamente, e aparece em uma posição anterior ao verbo. Mas essa já não é mais a primeira posição da sentença. Outros constituintes aparecem

antes: o objeto que foi afetado pela ação do verbo (*a porta*), em (52); o instrumento usado para a realização da ação do verbo (*a chave da Marina*), em (53); o possuidor do instrumento (*a Marina*), em (54). Em (55), acontece um fenômeno interessante, que está se mostrando cada vez mais produtivo no português brasileiro: o constituinte que corresponde ao participante que realiza a ação do verbo é reduplicado: *o João* aparece logo no início da sentença, e, logo a seguir, o pronome *ele*, co-referente com *João*, aparece na posição imediatamente anterior ao verbo.

Existem, ainda, muitas outras maneiras de os falantes do português expressarem o mesmo evento em que o João abriu a porta com a chave da Marina. Vejam as sentenças abaixo:

- (56) Foi o João que abriu a porta com a chave da Marina.
- (57) Foi a porta que o João abriu com a chave da Marina.
- (58) Foi com a chave da Marina que o João abriu a porta.

Essas construções organizam os participantes do evento de maneira a focalizar um deles. Em (56), o falante focaliza o participante que realizou a ação do verbo, ou seja, *o João*. Ele quer dizer que foi o João que abriu a porta, e não o Pedro, por exemplo. Em (57), o foco recai sobre o objeto afetado pela ação do verbo, ou seja *a porta*. O que o falante quer dizer com essa sentença é que foi a porta que foi aberta, e não a janela, por exemplo. Finalmente, em (58), o participante da ação que está focalizado é o instrumento, ou seja, *a chave da Marina*. Desse modo, o falante quer dizer, por exemplo, que foi com a chave da Marina, e não com outro instrumento qualquer, que o João conseguiu abrir a porta.

O estudo da sintaxe das línguas de sinais, tanto quanto o das línguas orais, é bastante centrado na questão da ordem dos constituintes da sentença. De maneira geral, como já dito no início do curso, a ASL e a libras têm sido consideradas línguas SVO, ou seja, línguas que têm, como ordem básica, aquela em que o sujeito aparece antes do verbo, e os objetos, tanto o direto quanto o indireto, aparecem depois do verbo. Mas, o fato de a ordem básica dessas línguas ser SVO não significa que os constituintes não possam aparecer em outras ordens. O português também é uma língua SVO. Mas, como vimos nas sentenças acima, os constituintes da sentença podem aparecer nas mais variadas ordens, desde que marcados com uma entoação particular.

Nas línguas de sinais, é interessante que as sentenças que mostram uma alteração da ordem SVO têm um ou mais constituintes acompanhados de alguma marcação não-manual. Assim, por exemplo, parece ser bastante comum, tanto na ASL quanto na LSB, termos o objeto afetado pela ação do verbo na primeira posição da sentença, como abaixo:

- (59) _____
LIVRO, MARIA COMPRAR ONTEM.

Para que essa ordem aconteça, o constituinte LIVRO deve vir acompanhado de um movimento particular da cabeça e de uma certa configuração das sobrancelhas. Mas, essas e outras questões relacionadas à sintaxe tanto das línguas orais, quanto das línguas de sinais, vocês vão estudar

em mais detalhes nos cursos de Sintaxe. Vamos, agora, fazer um panorama geral do que estudam a Semântica e a Pragmática.

5.2 Semântica e Pragmática

Voltemos a Saussure, mais uma vez. Para ele, a língua é uma relação simbólica que se estabelece entre duas massas amorfas, a do pensamento e a dos sons/gestos. A língua formata essas duas massas amorfas, criando, ao mesmo tempo, um significado e um significante. Significado e significante são os dois pólos do signo lingüístico. Como vimos no início desta parte do curso, a fonética e a fonologia são as áreas responsáveis pelo estudo do significante das línguas naturais. O estudo do significado é feito pela semântica e pela pragmática.

Saussure diz ainda que a língua é um princípio de classificação. Com isso, ele quer dizer que a língua ajuda o ser humano a categorizar o mundo, ou seja, a organizar a realidade de uma certa maneira, agrupando as entidades em categorias. Para Saussure, uma categoria passa a ter existência à medida que se cria um nome para ela. Como nós já vimos, alguns povos têm às vezes dois signos diferentes para expressar o que nós, em português, expressamos com um signo só. Lembrem-se, por exemplo, de que, enquanto em português temos apenas o signo *porco* para nos referir tanto ao animal quanto à sua carne, em inglês existem dois signos diferentes, um para o animal (*pig*), outro para a sua carne (*pork*). Isso mostra que os povos de língua inglesa organizam sua realidade de uma maneira diferente da maneira usada pelos povos de língua portuguesa.

Ao compararmos o português e a língua de sinais brasileira, vemos que palavras como *abandonar*, *abdicar*, *largar* (entre outras) correspondem a um único sinal da LSB. O que acontece é que as conceitualizações diferem com respeito ao nível de detalhe que elas envolvem. Os conceitos de *pig* e *pork* do inglês são mais detalhados do que o conceito de *porco* do português. Da mesma maneira, os conceitos de *abandonar*, *abdicar*, *largar* do português são mais detalhados do que o conceito associado ao sinal que a libras usa como correspondente a essas palavras do português.

Em uma única língua, os conceitos também variam em relação ao nível de detalhe que os especifica. Comparemos dois conceitos como [ANIMAL] e [CACHORRO], por exemplo. É indiscutível que [ANIMAL] é menos detalhado do que [CACHORRO]. Nós categorizamos muitas entidades como animais: cachorros são animais, mas gatos também são, cavalos também, macacos, golfinhos, baleias, lambaris, abelhas, são todos animais. Os conceitos de [CACHORRO], [CAVALO], [GATO], [GOLFINHO], etc. mantêm uma determinada relação com o conceito de [ANIMAL]: eles são *hipônimos* de [ANIMAL]. Por sua vez, o conceito de [ANIMAL] é o *hiperônimo* dos conceitos de [CACHORRO], [CAVALO], [GATO], [GOLFINHO].

Temos também um outro exemplo da relação de hiperonímia/hiponímia com os conceitos de [FLOR], de um lado, e [ROSA], [MARGARIDA], [CRAVO], [VIOLETA], [BEGÔNIA], de outro. O conceito de [FLOR] é mais geral, menos detalhado do que os conceitos de [ROSA], [MARGARIDA], [CRAVO], etc. [FLOR] é hiperônimo de [ROSA], [MARGARIDA], [CRAVO], [VIOLETA]. Por sua vez, esses conceitos são hipônimos de [FLOR].

Uma característica dos hipônimos é que eles são incompatíveis: se uma entidade é um cachorro, então ela não pode ser um gato, ou um cavalo. Se uma entidade é uma violeta, ela não pode ser uma rosa ou uma margarida. Por outro lado, se uma entidade pode ser chamada de *cachorro*, ela pode também ser chamada de *animal*. Se uma entidade pode ser chamada de *violeta*, ela pode ser chamada de *flor*.

As relações entre hipônimos e hiperônimos são, portanto, hierárquicas. No nível mais baixo da hierarquia, temos os indivíduos no mundo. Vamos imaginar indivíduos com os seguintes nomes: Galahad, Shadow, Cinque, Fagulha, Odara, Peteca, Paloma e Mitra. No nível imediatamente acima, vamos agrupar Galahad e Shadow como [COCKER SPANIEL]; Cinque e Fagulha como [LABRADOR]; Odara e Peteca como [VIRA-LATA]; e Paloma e Mitra como [PASTOR ALEMÃO]. No nível acima, vamos agrupar todas essas raças ([COCKER SPANIEL], [LABRADOR], [VIRA-LATA], [PASTOR ALEMÃO]) como [CACHORRO]. No nível mais acima ainda, temos [ANIMAL].

Os falantes podem designar entidades usando conceitos mais ou menos detalhados, dependendo de seus objetivos. Por exemplo, eu posso dizer para vocês que eu vivo cercada por animais. Mas posso dizer também, que eu vivo cercada por cachorros. Posso ser mais específica, e dizer que eu vivo cercada por pastores alemães. Mas existe um nível de conceito que é mais saliente, e é chamado de **nível básico**. Nesse nível estão os conceitos pelos quais designamos as entidades do mundo, quando não precisamos ser nem mais genéricos, nem mais específicos. No caso da minha situação descrita acima, seria mais natural dizer que eu vivo cercada por cachorros. Quando fazemos uma viagem pela zona rural, vemos animais que chamamos de *vacas*. Nunca nos referimos a eles como *animais*, nem como *nelore*, *hereford* ou *zebu*.

Em geral, os estudos que se interessam pelas categorias e por sua organização partem da idéia de que os conceitos não são atômicos, podendo ser entendidos como um feixe de traços semânticos. Assim, por exemplo, o conceito da categoria [AVE] é um feixe de traços {animal, ovíparo, tem bico, tem penas, voa}. Esse feixe de traços pode ser entendido como a caracterização do membro prototípico da categoria. Nesse sentido, o gavião é um membro prototípico da categoria [AVE], do mesmo modo que o pardal, o sabiá, a águia, o urubu. E a galinha? Bem, a galinha tem várias das características de categoria [AVE], mas não voa. Será que ela deixa então de ser uma ave? Claro que não. Ela só não é um membro prototípico da categoria.

Experimentos têm demonstrado que as categorias do nível básico são aquelas que têm um grande número de traços. Além disso, os traços de uma categoria de nível básico não são compartilhados, como um todo, por outra categoria do mesmo nível. Assim, o conjunto de traços que compõem o conceito da categoria [CACHORRO] é diferente do conjunto de traços que compõem o conceito da categoria [VACA]. Diferentemente, categorias do nível abaixo do nível básico, ou seja, categorias mais específicas, como [PASTOR ALEMÃO], [COCKER SPANIEL], [VIRA-LATA], para *cachorros*, e [NELORE], [HEREFORD], [ZEBU] para *vacas*, compartilham um grande número de traços entre si. Já as categorias do nível acima do nível básico, ou seja, mais abstratas têm comparativamente poucos traços. Pensem na categoria [ANIMAL], por exemplo. Quais seriam seus traços? Certamente algo bem genérico, como {ser vivo, animado}.

A questão da categorização levantada acima, e as relações entre conceitos e categorias mais ou menos abstratas constituem uma das áreas importantes da investigação semântica. Um outro assunto de interesse da semântica é a ambigüidade. Existem alguns tipos de ambigüidade. Neste curso, vamos tratar um pouco da ambigüidade lexical.

Como já vimos várias vezes, o signo lingüístico é o resultado da associação de um significado (um conceito) a um significante (uma seqüência de sons ou gestos). Em alguns casos, uma mesma seqüência de sons (ou gestos) pode ter significados diferentes. Nesses casos, estamos diante de signos *homófonos* ou *homônimos*. Esses signos podem criar ambigüidade, ou seja, eles podem ser interpretados de mais de uma maneira. Considerem a seguinte sentença do português:

(60) A manga já está cortada.

Essa sentença pode ser entendida de duas maneiras: ou que a manga de uma camisa já está cortada e está pronta para ser montada e costurada, ou que a fruta chamada manga já está cortada e está pronta para ser comida. Isso acontece porque o português tem duas palavras que têm a mesma seqüência de sons, mas que têm significados diferentes.

É claro que o contexto em que a sentença é pronunciada pode desambigüá-la. Se usarmos uma sentença como (60) em um ateliê de costura, provavelmente vamos estar nos referindo à parte de uma camisa. Por outro lado, se usarmos essa sentença em uma cozinha, com quase toda certeza vamos estar nos referindo à fruta.

Quando se fala de homonímia, é comum falar-se também de um outro fenômeno semântico chamado *polissemia*. Um exemplo clássico de polissemia é a palavra *banco*, nos seguintes contextos:

(61) Colocaram uma bomba no banco do lado da casa da Maria.

(62) Este banco foi fundado em 1890.

(63) Meu banco me trata muito bem.

A diferença entre homonímia e polissemia nem sempre é clara. Em geral, consideram-se homônimos as expressões diacronicamente derivadas de fontes lexicais diferentes, que, durante o percurso histórico, sofreram mudanças e acabaram com a mesma forma. Expressões polissêmicas, por outro lado, têm uma única fonte lexical, e são resultados de processos de extensão de significados. Nas sentenças entre (61) e (63), o signo *banco* tem três sentidos um pouco diferentes, mas todos relacionados entre si: em (61), estamos tratando de um prédio comercial, em que uma instituição financeira presta um determinado tipo de serviço; em (62), estamos falando de uma instituição financeira; e, em (63), estamos falando do relacionamento que a instituição financeira mantém com seus clientes. Nesses casos, fala-se que uma interpretação é uma extensão do significado da outra. Assim, por exemplo, chamamos de *banco* não só um determinado tipo de instituição, mas também o prédio em que essa instituição funciona e os funcionários que lá trabalham.

Nos dicionários, os homônimos ganham entradas separadas, enquanto os sentidos polissêmicos de um determinado item lexical são listados sob a

entrada desse item. Mas, como dito acima, a distinção entre homonímia e polissemia nem sempre é clara e existe muita discussão entre os semanticistas a esse respeito.

A Semântica é uma disciplina muito abrangente e investiga uma enormidade de questões, que nós não vamos poder tratar neste momento. Quando vocês cursarem a disciplina intitulada Semântica e Pragmática, vocês vão ter oportunidade de conhecer muitos outros tópicos relacionados ao significados das expressões lingüísticas. Passemos, agora a ver rapidamente do que trata a Pragmática.

Muitos lingüistas gostam de fazer uma separação entre Semântica, de um lado, e Pragmática, de outro. De maneira geral, para eles, a Semântica trata da significação lingüística independentemente do uso que se faz da língua. A Pragmática, por outro lado, teria como objeto o estudo da significação construída a partir do momento em que a língua é posta em uso, ou seja, em uma determinada situação de fala. Outros lingüistas preferem não estabelecer uma distinção tão clara entre as duas áreas de pesquisa, na medida em que acreditam que a significação das expressões lingüísticas só se constrói por inteiro quando a língua é posta em uso. Evidentemente, não podemos entrar nessa discussão neste curso. Aqui, vamos apenas apontar alguns fenômenos lingüísticos cujo significado indiscutivelmente só pode ser determinado com a língua em uso. Um desses fenômenos se chama *dêixis*.

Existem três tipos de dêixis: a de pessoa, a de tempo, e a de lugar. Vamos exemplificar esse fenômeno com a dêixis de pessoa. O que significam os pronomes *eu* e *você*? Bem, podemos dizer que *eu* é o pronome de 1ª pessoa, ou seja, da pessoa que fala, e que *você* é o pronome da 2ª pessoa, ou seja do interlocutor. Mas, vejam o que acontece: em cada situação de fala, *eu* e *você* se referem a pessoas diferentes! Ainda, numa mesma situação de fala, as pessoas que participam da conversa às vezes são *eu*, e às vezes são *você*! Imaginem uma conversa entre o Pedro e a Ana. Se o Pedro está falando, ele se refere a si mesmo como *eu* e à Ana como *você*. Eventualmente, a Ana pega a palavra. A partir daí, quando ela usar o pronome *eu* ela vai estar se referindo a si mesma, e não ao Pedro. E quando ela usar o pronome *você*, ela vai estar se referindo ao Pedro, e não a si mesma. Portanto, a significação completa de pronomes como *eu* e *você* só vai ocorrer em uma determinada situação de fala, na medida em que é só no momento em que essa situação de fala se instala que se instauram a pessoa que fala e a pessoa com quem se fala.

A dêixis é um assunto de muito interesse para a lingüística das línguas de sinais. Na criação de discursos, os surdos fazem a sobreposição de várias situações de fala, especialmente com a criação daquilo que tem sido chamado de “espaço sub-rogado”. Esse espaço é aquele em que o surdo incorpora o personagem de uma história que ele está contando. Quando ele sinaliza o pronome de 1ª pessoa nesse espaço, ele não está se referindo a si mesmo, que é quem está contando a história, mas ao personagem que ele está representando. As línguas orais também fazem esse tipo de operação, por meio daquilo que chamamos de discurso direto. Entretanto, nas línguas de sinais, essa questão se torna particularmente interessante por envolver o uso do espaço de sinalização e o mapeamento dos referentes dos pronomes nesse espaço.

Um outro fenômeno lingüístico muito estudado pela Pragmática tem o nome de *implicatura conversacional*. Entende-se que as conversações são regidas por um princípio chamado *princípio da cooperação*, e que obedecem a certas máximas. Em alguns casos, nós violamos algumas dessas máximas, para propositadamente criar um efeito de sentido. Por exemplo, imagine que um professor está no meio de uma aula, explicando um assunto bastante complexo, e um aluno entra atrasado na sala. O professor interrompe sua aula e diz para o aluno: “*Você sabe que horas são?*”. Essa pergunta não tem nenhuma relevância para a aula. Na realidade, o professor não está querendo saber que horas são. Fazendo essa pergunta e violando uma das máximas conversacionais, o professor está querendo é dar uma bronca no aluno pelo atraso.

Uma outra máxima é violada na seguinte expressão, para criar um efeito de sentido: “*Faz séculos que eu estou dizendo que você precisa estudar!*”. Certamente, nem o professor, nem o aluno têm vivido aqui por muitos séculos, não é?

A ironia é muitas vezes decorrente de uma implicatura conversacional. Por exemplo, imagine que um amigo seu foi transferido para uma cidade no meio do deserto do Saara. Você pode brincar com ele, dizendo: “*Puxa, que legal! Você finalmente vai viver em um clima mais ameno que o nosso!*”

Vejam como, em todas as circunstâncias apresentadas acima, só podemos de fato entender o significado global das expressões lingüísticas se considerarmos a situação em que a língua está sendo usada. Sem levarmos em conta o contexto em que as sentenças estão sendo usadas, podemos entender o sentido literal das palavras e das sentenças, mas não entendemos o sentido mais sutil que está sendo construído especificamente pelo fato de elas estarem sendo usadas em uma determinada situação de fala.

Um terceiro assunto de interesse da Pragmática são os *atos de fala*. Existem alguns atos que fazemos, que se tornam realidade apenas no momento em que pronunciamos ou sinalizamos uma determinada palavra ou sentença. Por exemplo, quando é que uma promessa passa a existir? Somente quando dizemos “*eu prometo...*”. E um juramento? E uma aposta? E quando é que duas pessoas podem se considerar de fato casadas? Apenas quando o juiz diz “*eu vos declaro marido e mulher!*”. Notem que, nos atos de fala, o sujeito do verbo é sempre o falante, ou seja, o verbo está sempre na primeira pessoa. Essas sentenças são sempre afirmativas e estão sempre no presente do indicativo.

Mas nem sempre os atos são tão explícitos assim. Por exemplo, se eu digo para alguém algo como “*eu vou dar um presente para você*”, eu estou realizando uma promessa implícita. É como se eu estivesse dizendo “*eu prometo que vou dar um presente para você*”. Ou ainda, se eu estivesse conversando com alguém e dissesse “*tem um cachorro enorme correndo em nossa direção*”, eu poderia estar dando um aviso de perigo, e fazendo uma sugestão para que nós nos escondêssemos. Por isso é que precisamos levar em conta o contexto de uso da língua

Não é só a Pragmática que se preocupa em analisar a língua em uso. Hoje em dia, existem várias teorias gramaticais que procuram centrar seus estudos em fatos lingüísticos, obtidos a partir de registros de conversas

naturais, de contação de histórias e piadas, etc. Existe também uma grande área de estudos lingüísticos, chamada Análise do Discurso, que analisa a língua em uso. De maneira geral, a Análise do Discurso concentra seus interesses nos textos escritos: há análises interessantes de discursos lidos por políticos, de artigos de jornais e revistas, de textos publicitários, de poemas, de letras de canções populares, de romances. Mas há uma outra corrente de estudos chamada Análise da Conversação que tem como objeto de estudo a língua falada (tanto as línguas orais quanto as línguas de sinais), mais especificamente a conversação.

Infelizmente, não podemos nos estender mais sobre esses assuntos neste Curso de Introdução. Vamos, então, ficando por aqui, sabendo que vocês vão aprofundar, nas disciplinas de Lingüística, algumas das idéias introduzidas neste Curso, além de serem apresentados a outros assuntos de grande interesse para aqueles que querem entender o que é a língua humana, como ela é adquirida, como ela é posta em uso, como ela deve ser ensinada.